

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Ândreo Ramires Antunes

DE MINHA VIDA: POESIA E VERDADE (1809-1831):
**O conceito alemão *Bildung* (formação, cultivo de si) e a tradição dos exercícios espirituais
na autobiografia de Johann Wolfgang von Goethe.**

Porto Alegre
2021

Ândreo Ramires Antunes

DE MINHA VIDA: POESIA E VERDADE (1809-1831):
O conceito alemão *Bildung* (formação, cultivo de si) e a tradição dos exercícios espirituais na autobiografia de Johann Wolfgang von Goethe.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como pré-requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em História.

Orientadora: Prof(a) Dra. Cássia Daiane Macedo da Silveira

Porto Alegre
2021

Ândreo Ramires Antunes

DE MINHA VIDA: POESIA E VERDADE (1809-1831):
O conceito alemão *Bildung* (formação, cultivo de si) e a tradição dos exercícios espirituais na autobiografia de Johann Wolfgang von Goethe.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como pré-requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em História.

Orientadora: Prof(a) Dra. Cássia Daiane Macedo da Silveira

Aprovado em:
Conceito:

BANCA EXAMINADORA

Prof(a) Dra. Cássia Daiane Macedo da Silveira (Orientadora) - UFRGS

Prof. Dr. Nilton Mullet Pereira - UFRGS

Prof(a) Dra. Cláudia Mauch - UFRGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primordialmente, ao amigo Rodrigo Leal por ter me convencido a retornar à UFRGS: valeu mané! Igualmente, agradeço:

Ao Guilherme Camargo e Alexandre Contessa pela parceria desde o início desta jornada, sem vocês teria sido infinitamente mais difícil ter continuado.

Aos colegas Cristian Bianchini, Rafael Paschoali, Gustavo Dutra, Matheus Arnold e Lenander Stammatto pelo coleguismo e ajuda.

Aos professores do curso de História (IFCH, FACED), à professora Cássia Daiane Macedo da Silveira.

À Lisiane Maria Cafruni Calveyra, pelo incentivo, pela ajuda e pelo companheirismo.

À minha família e demais amigos, sempre a meu lado.

Ao Iron Maiden, pela trilha sonora de uma vida.

A Johann Wolfgang von Goethe, por me fazer ainda ver, em certos momentos, uma realidade elevada.

Muito obrigado a todos (as).

Ele teria gostado de saber que alguém o queria manter vivo, que o recordava. Ele costumava dizer que existimos enquanto alguém nos recorda.

Carlos Ruiz Zafón, A Sombra do Vento

RESUMO

Este estudo irá investigar a presença do conceito alemão *Bildung* (formação, cultivo de si) e da tradição filosófica dos exercícios espirituais na autobiografia de Johann Wolfgang von Goethe. *De minha vida: Poesia e Verdade*, considerada paradigma do gênero autobiográfico moderno, foi concebida durante um período histórico cunhado de *Sattelzeit* por Reinhart Koselleck, época de transição na Alemanha entre a ordem social estamentária do antigo regime e o mundo moderno. Neste ínterim, a exemplo das mudanças ocorridas em outros conceitos estruturantes da vida ocidental, o polissêmico conceito de *Bildung* assumia seu formato clássico, voltado para a formação universal do ser humano, recebendo do pensamento de Goethe influência significativa, sobretudo pela ênfase no aspecto da autoformação. Pretende-se mostrar neste trabalho, como o conceito de *Bildung*, fundamental para Goethe, serviu de estrutura e temática para sua autobiografia. Os exercícios espirituais por sua vez, foram entendidos como prática utilizada pelo autor em sua ressignificação da experiência vivida, em seu autoaperfeiçoamento. Assim sendo, *De minha vida: Poesia e Verdade*, enquanto manifestação autobiográfica tipicamente moderna, poderia ser considerada a síntese da *Bildung* goetheana, ou seja, a materialização narrativa de seu devir autoformativo.

Palavras-chave: Johann Wolfgang von Goethe; Autobiografia; *Bildung*; Tradição dos Exercícios Espirituais; Autoformação; *Sattelzeit*.

ABSTRACT

This study will investigate the presence of the German concept of *Bildung* (formation, self-cultivation) and the philosophical tradition of spiritual exercises in Johann Wolfgang von Goethe's autobiography. *From My Life: Poetry and Truth*, considered a paradigm of the modern autobiographical genre, was conceived during a historical period known as *Sattelzeit*, a term coined by Reinhart Koselleck, time of transition in Germany between the stamential social order of the old regime and the modern world. In the meantime, similar to the changes that occurred in other structuring concepts of Western life, the polysemic concept of *Bildung* assumed its classic format, aimed at the universal formation of the human being, receiving a significant influence from Goethe's thought, especially by emphasizing the aspect of self-training. Our objective is to show how the concept of *Bildung*, fundamental to Goethe, served as a structure and theme for his autobiography. Spiritual exercises were understood as a means to reinterpret the lived experience towards the achievement of self-improvement. Therefore, *From my Life: Poetry and Truth*, as a typically modern autobiographical manifestation, could be considered the synthesis of goethean *Bildung*, that is, the narrative materialization of its self-formative becoming.

Keywords: Johann Wolfgang von Goethe; Autobiography; *Bildung*; Tradition of Spiritual Exercises; Self-training; *Sattelzeit*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. AUTOBIOGRAFIA E <i>BILDUNG</i> À ÉPOCA DE GOETHE	12
1.1 Surge a autobiografia moderna	12
1.2 Semântica histórica do conceito de <i>Bildung</i>	14
1.3 Contexto histórico e conteúdo de <i>Poesia e Verdade</i>	19
1.4 Poesia, Verdade e Ficção	23
1.5 Prefácio e Preâmbulo	26
2. GOETHE E A TRADIÇÃO HISTÓRICA DOS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS: AUTOFORMAÇÃO EM <i>POESIA E VERDADE</i>	32
2.1 Goethe, <i>Bildung</i> e a autoformação por meio de exercícios espirituais	33
2.1.1 Exercício Espiritual de concentração no presente: aplicação em <i>Poesia e Verdade</i>	35
2.1.2 Exercício Espiritual do olhar do alto, a viagem cósmica: aplicação em <i>Poesia e Verdade</i>	40
2.1.3 Exercício Espiritual da Atitude de Esperança: aplicação em <i>Poesia e Verdade</i>	42
2.1.4 Autobiografia como “sim à vida”	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51

INTRODUÇÃO

Johann Wolfgang von Goethe nasceu no dia 28 de agosto de 1749 em Frankfurt am Main, à época cidade-Estado integrante do Sacro Império Romano Germânico. Embora seja reconhecido principalmente por sua produção e reflexão artístico-literária, também pesquisou e publicou trabalhos distintos no âmbito das ciências da natureza, licenciou-se em direito e trabalhou como administrador público. Faleceu aos 82 anos, no Ducado de Saxe-Weimar-Eisenach, então parte da Confederação Germânica, no dia 22 de março de 1832. Esteve, durante sua longa vida, seja devido a suas obras, seja pela recíproca influência que estabeleceu com figuras de destaque do cenário intelectual, envolvido com a profunda renovação cultural alemã ocorrida no período.

O tempo de vida de Goethe (1749-1832) coincide com o período estudado pelo historiador Reinhart Koselleck, aproximadamente entre 1750 e 1850, cunhado de *Sattelzeit*: tradução literal para “tempo de sela”, podendo ser entendido como era limítrofe ou era de transição. Neste interlúdio, tivemos, como explicam Arthur Alfaix Assis e Sérgio da Mata, a partir do espaço cultural alemão, atuando concomitantemente, a ação do pensamento iluminista, a industrialização e a ascensão da burguesia, desencadeando alterações sem precedentes em vários conceitos políticos estruturantes da vida ocidental, transformações históricas que implicariam na redefinição do próprio conceito de história. (KOSELLECK, 2019, p. 11)

Dentre estes conceitos em mutação, a um em particular dedicaremos atenção: o conceito alemão *Bildung* (formação, cultivo de si), basilar para a literatura, a filosofia e a pedagogia alemãs dentro do *Sattelzeit*. Para Gadamer (1999, p. 15), a formação universal para o humano, o mais elevado pensamento do século XVIII, caracterizaria as ciências históricas no século XIX.

Nesta torrente de novos paradigmas emergentes no cenário europeu, também teremos a autobiografia assumindo sua disposição secularizada, manifestação de uma individualidade ao mesmo tempo racional e emotiva, mergulhada nas incertezas do mundo moderno. A autobiografia de Goethe contribuirá para a consolidação da moderna versão deste tipo de escrita, como salienta Helmut Galle:

Poesia e verdade realmente marca uma ruptura na história literária por sair de uma classe de textos sem pretensão literária e constituir a autobiografia como gênero literário. [...] Com Goethe, e desde Goethe, a autobiografia pertence potencialmente ao

campo da literatura, particularmente quando é escrita por um autor literário. (2019, p. 255)

De minha vida: Poesia e Verdade, publicada em quatro partes, entre 1811 e 1833, é o relato de um Goethe maduro e devidamente estabelecido sobre sua própria história, trazendo a lume seus primeiros 26 anos de vida em dialética com eventos sócio-culturais que acompanharam esta trajetória. Trata-se de uma narrativa a respeito de sua formação intelectual e cultural, mas sobretudo, de sua autoformação. E assim chegamos aos exercícios espirituais.

Exercícios espirituais referem-se a um pressuposto teórico criado pelo filósofo Pierre Hadot (2003), significando práticas filosóficas voltadas ao uso da vontade, da imaginação, da reflexão, da sensibilidade, com intuito de transformar a maneira de se viver, de conceber a existência, uma “prática de si”. Os exercícios espirituais, como veremos, enfatizam um dos principais aspectos do polissêmico conceito de *Bildung*, fundamental para Goethe: o autoaperfeiçoamento.

Para este estudo, investigaremos como Goethe concebeu sua autobiografia em configuração moderna, valendo-se do conceito alemão *Bildung* aliado à tradição filosófica dos exercícios espirituais. Para tanto, o trabalho estabelecerá um diálogo interdisciplinar entre História, Literatura e Filosofia, situando-se no campo teórico da História Cultural.

Antes de abordar propriamente as questões teórico-metodológicas envolvidas nesta monografia, salientamos que, para melhor podermos nos aproximar das ideias de Goethe, recorreremos também, em caráter auxiliar, à obra *Conversações com Goethe nos últimos anos de sua vida: 1823-1832* de Johann Peter Eckermann (1792-1854). Desta forma, teremos duas fontes consultadas, uma biografia que podemos chamar de direta, pois vem do próprio Goethe, e outra “indireta”, já que foi construída a partir de conversas registradas em diário por Eckermann. Frisamos então que, *Poesia e Verdade* e *Conversações* não são, portanto, a priori, obras ficcionais. Philippe Lejeune (2014, p. 14) conceitua autobiografia como “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”. Veremos, oportunamente, considerações sobre realidade, verdade e ficção na autobiografia de Goethe.

As recomendações de Jean Starobinski em *A literatura: o texto e o seu intérprete* (1988) são importantes para falarmos sobre o tratamento dedicado às fontes em questão, principalmente

em relação à *Poesia e Verdade*. Temos, segundo o autor, os seguintes polos dispostos: de um lado o texto literário (como objeto autônomo) e do outro seu intérprete (o historiador, com sua subjetividade e intenções). Como primeira precaução, está a necessidade de garantir uma forte presença ao objeto estudado, em uma tentativa de manter sua maior independência, já que o risco de uma interpretação excessiva pode acarretar nada mais que uma análise fantasiosa, pouco ou nada de condizente tendo com a realidade do objeto. Diz o autor:

O texto tem direitos sobre o que se diz a seu respeito; ele representa, para o discurso interpretativo, um ponto de referência que é impossível abandonar. Quando o cita, o intérprete compromete-se a dedicar-lhe a mais completa atenção. O recurso permanente do retorno ao texto permite ao leitor verificar se são justos a análise e o comentário. (1988, p. 139)

Assim sendo, foi preocupação deste trabalho expor o texto de Goethe em sua autonomia e finalidade. Destarte, o leitor terá acesso, sempre que desejar - além da interpretação crítica proposta - às palavras originais do autor. Como também salienta Starobinski, a investigação interna de uma obra não exclui a consideração de dados externos, pois, como sabemos, nenhum elemento repousa isolado de seu contexto. Desta forma, o autor bem demarca que a escolha de um texto traz inerentemente a existência de uma realidade que o circunda e o constitui. Precisamos então para uma melhor interpretação, da “cooperação” entre a estrutura interna da obra e seu entorno:

O movimento centrífugo que vai de uma obra a seus antecedentes ou a suas vizinhanças será apenas uma rota de acaso, se não for guiado pelas estruturas internas das obras. Reciprocamente, a análise interna das ideias e das palavras na obra nada lucra em ignorar a sua proveniência e a sua harmonia externas. (1988, p. 134)

Trazendo uma contextualização histórica à *Poesia e Verdade*, tentou-se alargar o espaço de entendimento, fornecendo recursos indispensáveis a uma melhor percepção tanto de sua singularidade quanto de seus laços exteriores. Procuramos, com a leitura da obra, levando em consideração seu contexto de produção (material e de ideias) e sobretudo, evocando o histórico de reflexões de Goethe, atingir um determinado equilíbrio interpretativo, qual seja, sem um enfraquecimento da presença do objeto e sem perder-se em divagações inapropriadas.

No primeiro capítulo, verificaremos as condições históricas que levaram e possibilitaram à escrita de *Poesia e Verdade*, além de aspectos do pensamento de Goethe relativos à construção da obra. Na primeira seção, faremos uma breve digressão sobre a origem da autobiografia moderna, situando-a dentro das nuances históricas que possibilitaram sua constituição atual. A

segunda seção traz a semântica histórica do conceito de *Bildung*, matéria prima para constituição de *Poesia e Verdade*, sobretudo em sua configuração clássica, atingida justamente à época de Goethe. Ainda nesta seção, conheceremos a relação estabelecida pela pesquisa histórica e filológica alemã entre a autobiografia moderna e o conceito de *Bildung*. Na terceira seção, saberemos dos antecedentes à concepção de *Poesia e Verdade*, verificando o cenário tumultuado em que o autor a planejou, vendo também uma apresentação sucinta de seu conteúdo e como fora publicada. Com a quarta seção, buscaremos tangenciar a polêmica sobre seu título, relacionada à dualidade entre verdade e ficção nos textos autobiográficos, trazendo a posição do próprio Goethe. Na quinta e última seção, com a análise do prefácio e do preâmbulo de *Poesia e Verdade*, veremos a alegação do autor sobre os motivos que o levaram a escrever, conhecendo sua perspectiva historicista da realidade.

No segundo capítulo, utilizaremos a obra *Não se Esqueça de Viver: Goethe e a Tradição dos Exercícios Espirituais* de Pierre Hadot para estabelecer uma relação entre exercícios espirituais, o conceito de *Bildung* e a composição de *Poesia e Verdade*. Teremos uma seção situando a grande relevância de Goethe para o conceito clássico de *Bildung* e, por fim, a demonstração da aplicação de cada um dos exercícios espirituais em sua autobiografia. Assim, com esta análise, procuramos demonstrar que o conceito de *Bildung* serviu de orientação estrutural e temática para a composição de uma autobiografia em formato moderno por Goethe. Por sua vez, os exercícios espirituais enfatizaram o aspecto da autoformação, sempre almejada pelo autor até o final de sua vida, materializada na própria conclusão da obra.

1. AUTOBIOGRAFIA E *BILDUNG* À ÉPOCA DE GOETHE

1.1 Surge a autobiografia moderna

A autobiografia, como hoje a conhecemos, é produto histórico do processo de constituição do indivíduo moderno, emancipado através da secularização e do desenvolvimento da economia e da sociedade burguesa. (MAAS, 1999, p. 166)

Embora o gênero biográfico existisse desde a Antiguidade (como atesta a conhecida *Confissões*¹ de Santo Agostinho), seu formato atual somente tornou-se possível devido a um longo processo de racionalização da vida ocidental, o qual trouxe transformações nas estruturas sociais do Ocidente (nos âmbitos cultural, econômico e político). Este processo iniciado pela Reforma Protestante, atingiu seu apogeu com o Iluminismo do século XVIII, como nos explica Silva (2006, p. 298): “Na Reforma havia ainda o dogma do pecado original, os pavores e as incertezas da predestinação. O Iluminismo julgou não precisar mais da religião revelada, nem de Deus, para se portar no mundo”.

Assim, o pensamento ocidental antes tão marcado pelo misticismo religioso conheceu, a partir do século XVIII, uma nova possibilidade de construção sustentada pelo racionalismo. As revoluções industrial, norte-americana e francesa, ancoradas no movimento das luzes, simbolizam o caráter transitório do cenário oitocentista. Surgia o indivíduo moderno, epicentro da sociedade capitalista burguesa. A razão, orientadora da interpretação da realidade, impactara na literatura, sobretudo no romance, espelho simultaneamente do progresso e da angústia humana.²

Com a ampliação da noção de indivíduo³, foi possível que a autobiografia se tornasse distinta de outras formas de relato pessoal até então conhecidas, como a confissão religiosa

¹ Leonor Arfuch aponta que a persistência do modelo autobiográfico de *Confissões* (c. 397) dá por certa sua precedência em relação ao achado de um *eu*, embora a preocupação da obra fosse menos a singularidade da vida terrena do que a virtude piedosa da comunidade. “Apesar da ênfase ao trajeto da conversão, apesar da estranheza que reveste em seu próprio tempo histórico a ideia mesma de ‘subjetividade’, ainda hoje, este modelo continua constituindo, para alguns autores, o paradigma de toda história autobiográfica.” ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 41.

² Para uma interpretação sobre a relação do surgimento do romance moderno com o individualismo, ver: WATT, I. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. Tradução de Hildergard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

³ Para aprofundar discussão sobre as origens do individualismo, ver: ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994 e GUREVITCH, Aron. **As Categorias da Cultura Medieval**. Lisboa: Editorial Caminho, 1991.

(principalmente a versão pietista), as histórias de aventuras e os relatos de viagens. Em seu ensaio *A Invenção da Biografia e o Individualismo Renascentista*, Peter Burke (1997) nos adverte para o contraste que vivenciamos diante das biografias do período do Renascimento:

Quando lemos as biografias do Renascimento, ao invés de apenas consultá-las em busca de informações ou citações, é difícil evitar uma sensação de estranhamento, um desconforto gerado pela frustração de nossas expectativas. O problema é que essas biografias não são (ou não são inteiramente) biografias no sentido que damos ao termo. *Elas não discutem o desenvolvimento da personalidade*, frequentemente ignoram a cronologia e em geral introduzem materiais aparentemente irrelevantes, dando uma impressão de ausência de forma. (1997, p. 84, grifo nosso)

Segundo o autor, dois pontos diferenciariam as biografias da Europa Renascentista das biografias como conhecemos hoje, sobretudo, no que tange ao trato da personalidade do biografado: *a noção de exemplaridade* e o *pressuposto de que a personalidade é estática*⁴ Durante o século XVII, as biografias não apresentariam mudanças neste aspecto. Burke conclui dizendo que “só no século XVIII se vislumbra uma mudança, com a noção de que a personalidade passa por um processo de desenvolvimento”, o que teria possibilitado surgir uma autobiografia como a de Rousseau, *Les Confessions*, além do *Bildungsroman* de Goethe. (1997, p. 95-6, grifo nosso)

Assim, a *percepção de uma teleologia da personalidade humana*, em face da singularidade que o sujeito apresenta em cada fase de sua vida pessoal e social, favoreceu ao florescimento tanto do romance burguês, quanto da autobiografia moderna. Localiza-se, a partir dos últimos trinta anos do século XVIII, a configuração básica da autobiografia que chega aos dias atuais. Como manifestos deste novo modelo, temos a já citada *Les Confessions* (concluída em 1768 e publicada em 1782), de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), *The prelude* (concebida entre 1799 e 1805, publicada em 1850), de William Wordsworth (1770-1850) e *Aus meinem Leben: Dichtung und Wahrheit*, de Johann Wolfgang von Goethe. (MAAS, 1999, p. 166, grifo nosso) A autobiografia, desta feita, caracterizava o sujeito “atualizado”, representado na literatura. Nas palavras de Verena Alberti (1991, p. 73): “É como se, ao lado da poesia, do romance, da peça teatral, da crônica, enfim, se reservasse àquele indivíduo, a suas reflexões e

⁴ A noção de exemplaridade, como encontrada na biografia de Filipe II, escrita por Baltasar Porreño, seria a atribuição de categorias morais como “humildade”, “prudência”, “clemência”, dentre outras, ao biografado, estabelecendo-o como um indivíduo exemplar, em contraste à ideia moderna de indivíduo único. O pressuposto de que a personalidade é estática, encontrado na biografia de Wolsey, escrita por Cavendish, se observaria no humor inabalável do retratado, que mesmo exposto ao girar da roda fortuna mostrar-se-ia imune em todas as situações, permanecendo firme em sua predestinação. BURKE, Peter. *A invenção da biografia e o individualismo renascentista. Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 10, n.19, p. 83-97, 1997. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2038/1177>. Acesso em: 29 ago. 2021. p. 95.

experiências particulares, um ‘gênero’ literário específico que permitisse a expressão de sua unidade e autonomia”.

A vertente alemã da moderna autobiografia, levada a cabo por Goethe, pode ainda ser relacionada a outra ideia fundamental na história do pensamento alemão: o conceito de *Bildung* (formação). Será determinante para as pretensões deste trabalho conhecermos a matriz agregadora de sentidos do conceito de *Bildung*, tanto para entendermos sua vinculação com a estrutura-tema da autobiografia moderna, quanto para verificar qual dos seus aspectos é enfatizado pelos exercícios espirituais. Sendo assim, recorreremos a uma análise de sua semântica histórica, desde a origem no Medievo até o formato considerado clássico, atingido na transição entre os séculos XVIII e XIX. Conforme Koselleck (2006), o procedimento de análise da semântica histórica de determinado conceito consiste, resumidamente, em entender as principais mudanças em sua estrutura de significação ao longo dos tempos históricos.

1.2 Semântica histórica do conceito de *Bildung*

A *Bildung* enquanto um ideal a ser alcançado remonta à baixa Idade Média. Advém do círculo de Mestre Eckhardt (1260-1329)⁵, ostentando uma conotação místico-religiosa. Retinha neste momento um sentido equivalente à palavra latina *Imitatio*, Imitação. As palavras *Bildung* e *Imitatio* possuem unidades lexical e sufixal semelhantes, como explica Delory-Momberger (2011, p. 45): “*Bildung* forma-se a partir de *das Bild*, a imagem, assim como *Imitatio* se forma a partir de *Imago*. *Bildung* remete ao verbo *Bilden*, representar, formar, da mesma forma que *Imitatio* remete ao verbo *Imitari*, procurar reproduzir a imagem”.

Na doutrina medieval da *Imago Dei* de Eckhardt e seus seguidores, *Bildung* era o caminho pelo qual se buscava novamente “dar forma” à inocência perdida pelo homem no contexto do pecado original, ou seja, uma tentativa de reconfigurar na alma humana a “imagem”

⁵ Isaiah Berlin também atribui à leitura do místico alemão (entre outros) as origens do Romantismo. BERLIN, Isaiah. **As raízes do romantismo**. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

⁶ A tradução do termo latim *imago* nos textos em alemão do mestre dominicano [Mestre Eckhardt] é *bilde* (em medio-alto alemão - *mhd*; em alemão moderno o termo é *Bild*). No conceito expresso com essa palavra e na teoria onde se insere esta noção, é possível reconhecer a presença de duas tradições unidas intrinsecamente: a tradição filosófica da representação (na teoria do conhecimento) e a tradição teológica do Filho como imagem. RASCHIETTI, Matteo. Mestre Eckhardt e a Imagem sem Imagem. **Scintilla - Revista de Filosofia e Mística Medieval**. Curitiba, v. 12, n. 1, p. 153-182, 2015. Disponível em: <https://scintilla.saoboaventura.edu.br/scintilla/issue/view/1>. Acesso em: 30 out. 2021. p. 154. A edição da revista em questão é totalmente dedicada ao mestre renano.

divina. (ALVES, 2019, p. 03) Já na passagem pela Renascença/Humanismo do século XVI, a *Bildung* é vista pela filosofia natural do alquimista suíço Paracelsus (1493-1541) como desenvolvimento das disposições interiores, sendo estas disposições provenientes de Deus. A partir da Reforma Protestante⁷ de Martinho Lutero (1483-1546), o conceito sofreria uma mudança contundente. O místico luterano Jakob Boehme (1575-1624) entendendo a *Bildung* pelo prisma de sua doutrina teosófica⁸, considerava-a como o desabrochar e o desenvolvimento ativo de imagens e representações da pessoa e também entre as pessoas. Esta interpretação inauguraria uma postura inovadora de autonomia pessoal, característica da modernidade. (GOERGEN, 2019) O pietismo, dissidência da ortodoxia luterana, com influência do próprio Boehme, mostrar-se-ia fundamental para novos direcionamentos do conceito:

O pietismo é a fonte em que a *Bildung* vai encontrar a ideia de aprofundamento em relação à *autoformação e ao desenvolvimento espiritual*, não como algo restritamente religioso, mas como *sensibilidade artística*, liberdade pessoal, autonomia ética e usufruto dos bens da vida e da civilização. (MÜHL; MARANGON, 2019, p. 69, grifos nossos).

No século XVIII, os trabalhos de dois importantes personagens da cultura alemã ampliaram ainda mais o espectro do conceito, adicionando elementos à concepção pietista. Friedrich Gottlieb Klopstock (1724-1803) com seu poema épico religioso *O Messias* (1748)⁹, trouxe para a ideia de *Bildung* uma espiritualização religiosamente fundamentada, abrangendo toda sua época. (GADAMER, 1999, p. 48) Mas há outra contribuição de Klopstock, talvez ainda mais importante para as projeções futuras da *Bildung*. Na obra em questão, o Messias é descrito como educador dos jovens, sinalizando, de forma incipiente, um processo de pedagogização do conceito. (HANSMANN, 2014 apud ALVES, 2019, p. 04) Goethe relata no segundo livro de *Poesia e Verdade* que, juntamente com sua mãe, Katharina, e com sua irmã, Cornelia Goethe

⁷ Para Carpeaux (2014, p. 67), a Reforma Luterana deu ao povo alemão a liberdade de foro íntimo. Afirmção semelhante a de Souza (1998, p. 25), que fala em privatização da fé trazida por Lutero, com sua tendência a privilegiar a vida subjetiva interior. Os autores também concordam que o “preço” pago por esta relação direta entre homem e Deus, sem intermediação da Igreja, foi a assimilação pelo povo alemão de uma postura apolítica, uma submissão à burocracia estatal: introspecção religiosa combinada à indiferença política, em oposição ao senso crítico sócio-político de nações como Inglaterra e França.

⁸ Teosofia (do gr. *theosophia*) Termo que se aplica a diferentes doutrinas de caráter místico e iniciático, sentido esotérico e inspiração oriental (hinduísmo, religiões do Egito antigo, orfismo etc.) A teosofia pretende, entretanto, combinar uma explicação racional do universo e do sentido da vida com um sentimento místico de união com o divino e uma inspiração ou iluminação de caráter privilegiado, dando ao iniciado poderes extraordinários e uma sabedoria superior. Dentre essas várias doutrinas, destacam-se a de Paracelso (e.1493-1541); a de Jakob Boehme (1575-1624) e a de Emanuel Swedenborg (1688-1772). JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. Não paginado. Disponível em: http://raycydio.yolasite.com/resources/dicionario_de_filosofia_japiassu.pdf. Acesso em: 06 nov. 2021.

⁹ Os três primeiros cantos de *O Messias* seriam publicados em 1748. A primeira reunião em livro, integrando os dez primeiros cantos, seria publicada em Copenhague, em 1756. A primeira versão integral, apenas em 1772.

Schlosser (1751-1778), liam os poemas de *Messias* escondidos do patriarca, Johann Caspar Goethe (1710-1782), o qual tinha aversão à obra. Esta situação é narrada em referência aos eventos do ano de 1756, quando Goethe tinha apenas sete anos de idade. Posteriormente, no ano 1774, Goethe conheceria pessoalmente Klopstock:

Uma vez que a coincidência das mais variadas circunstâncias traz à tona minhas lembranças, gostaria de fazer menção, aqui, a outros homens importantes, que, em diferentes épocas, estando de passagem por nossa cidade, hospedaram-se em nossa casa ou, ao menos, aceitaram sentar-se à nossa mesa hospitaleira. Para ser justo, é preciso fazer com que Klopstock seja o primeiro a figurar nessa lista. (GOETHE, 2017, p. 784)

Com Johann Gottfried Herder (1744-1803), a noção de *Bildung* caminha definitivamente para a secularização, reforçando a temática pedagógica, porém, desta vez, com vistas a uma universalidade idealizada da humanidade. Suas obras sobre filosofia da história - *Outra Filosofia da História para a Educação da Humanidade* (1774) e *Ideias Para Uma Filosofia da História da Humanidade* (1784-1791) anunciavam uma premissa de formação que elevava à humanidade, tendo causado forte impacto entre os eruditos alemães. (ALVES, 2019, p. 4-5)

Dentro deste contexto, *Bildung* passou a direcionar-se para uma formação voltada à cultura, ao aperfeiçoamento de aptidões e habilidades do ser humano. Duas figuras também de extrema relevância para a cultura alemã da época reforçaram a ótica dada por Herder ao conceito: Immanuel Kant (1724-1804) e Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831). Ainda que não tenha mencionado especificamente a palavra formação (*Bildung*), Kant aludiu ao ato de liberdade e de obrigação que o sujeito atuante deveria ter em sempre cultivar seus talentos. Em linha semelhante de raciocínio, Hegel mencionaria diretamente a palavra formação e o ato de formar-se como dever do indivíduo consigo próprio. (GADAMER, 1999)

Na figura de Wilhelm von Humboldt (1767-1835), a ideia de *Bildung* teria papel fundamental na reforma educacional alemã a partir da Universidade de Berlim. Humboldt trabalhou para a construção de bases teóricas e para a regulamentação do ensino durante seu período como Conselheiro Privado e Diretor da Secção para o Culto e a Instrução Pública do Ministério do Interior da Prússia, quando estabeleceu parâmetros educacionais que seriam reconhecidos na Europa de seu tempo. (NICOLAU, 2016) Ao referir-se ao significado de formação (*Bildung*), destacou:

Quando nós [alemães], porém, em nosso idioma dizemos formação, estamos com isso nos referindo a algo ao mesmo tempo mais íntimo, ou seja, à índole que vem do conhecimento e do sentimento de conjunto do empenho espiritual e moral a se derramar harmonicamente na sensibilidade e no caráter. (HUMBOLDT apud GADAMER, 1999, p. 49)

Em Humboldt, influenciado pela noção de moral livre kantiana, *Bildung* assumiria um contorno de autoaperfeiçoamento contínuo da personalidade, constituindo-se como um processo educativo independente, livre de pragmatismos e de utilitarismos. Desta feita em diante, *Bildung* seria *a imagem de uma humanidade universal a ser desenvolvida no interior do indivíduo*. (ALVES, 2019, p. 06, grifo nosso) Conhecida também é a amizade de Wilhelm von Humboldt e de seu irmão, Alexander (1769-1859), com Goethe. Alexander era um famoso naturalista, tema de grande interesse por parte de Goethe. Já a amizade com Wilhelm, ao longo de mais de quarenta anos, consta registrada na vasta obra epistolar de Goethe. (MAZZARI, 2019, p. 225-252)

Importante destacar a diferenciação entre *Bildung* e o conceito de *Erziehung*. Resumidamente, *Erziehung* significa o processo educativo formal, a instrução, o ensino institucionalizado. *Bildung*, por sua vez, volta-se para a formação integral do indivíduo, (constituindo todo seu leque de experiências) realizando dessa forma a própria condição de destinação universal da humanidade. (MÜHL; MARANGON, 2019, p. 67)

Destarte, tentaremos, neste momento, sintetizar o multifacetado conceito de *Bildung*. Ressaltamos que não há tradução equivalente desta palavra para nenhuma outra língua devido à concentração de significados que contempla. Sendo assim, podemos entender *Bildung* como englobando os sentidos de: formação integral (educação, cultura), cultivo de si, autoaperfeiçoamento, interioridade, além das reminiscências religiosas de vocação e de dar forma à imagem interna. Ou seja, um conceito composto de concepções místico-religiosas, filosóficas, estéticas e pedagógicas. *Bildung* é, principalmente, um eterno *devir*, uma depuração constante do ser perante a vida. Para Antoine Berman (1992), “*Bildung* é sempre um movimento em direção a uma forma, *a sua própria forma*”. (1992, p. 44, grifo do autor, tradução minha)¹⁰ Thomas Mann (1875-1955), em leitura feita a estudantes republicanos na cidade de Munique no ano de 1923, sinalizou a falta de engajamento político da classe média alemã durante a então nova República de Weimar. O autor ensejou explicar esta postura de seus compatriotas, assim descrevendo o que chamou de “especificidade alemã”:

A melhor característica do alemão típico, a mais conhecida e também a mais lisonjeira para sua auto-estima, é sua interioridade. Não é por acaso que foram os alemães que deram ao mundo a forma literária intelectualmente estimulante e muito humana que chamamos de romance de formação [*bildungsroman*]. A Europa Ocidental tem seu

¹⁰ “*Bildung* is always a movement toward a form, *one’s own form*.”

romance de crítica social, ao qual os alemães consideram como sua contrapartida especial; é ao mesmo tempo uma autobiografia, uma confissão. A interioridade, a cultura 'Bildung' de um alemão implica introspectividade; uma consciência cultural individualista; consideração pelo cuidado, pela formação, aprofundamento e aperfeiçoamento da própria personalidade ou, em termos religiosos, pela salvação e justificação da própria vida; subjetivismo nas coisas da mente, portanto, um tipo de cultura que se poderia chamar de pietista, dada à confissão autobiográfica e profundamente pessoal, em que o mundo do objetivo, o mundo político, é sentido profano e posto de lado com indiferença, 'porque', como diz Lutero, 'essa ordem externa não tem importância'. (MANN apud BRUFORD, 1975, p. 07, tradução minha)¹¹

Achamos oportuno trazer, ao final desta retrospectiva, as palavras de um escritor alemão do século XX, pois, além do momento histórico peculiar em que este se encontrava, ou seja, após os horrores da Primeira Guerra Mundial e o surgimento do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, Mann evocou de forma concisa os principais pontos que trabalhamos até aqui sobre *Bildung*, quais sejam: a herança religiosa luterana/pietista, as características de interioridade, introspectividade e autoaperfeiçoamento, além do controverso caráter apolítico.

Vimos até aqui as condições históricas que possibilitaram a configuração moderna da autobiografia, bem como o longo caminho percorrido pelo conceito de *Bildung* até a época de Goethe, formato tido como definitivo. Saberemos agora como estes assuntos se entrelaçam, quesito essencial para o entendimento da concepção de *Poesia e Verdade*.

De acordo com Delory-Momberger (2011), o conceito de *Bildung* esteve na origem constitutiva da autobiografia moderna, a qual por sua vez, seria, segundo a pesquisa histórica e filológica alemã, a secularização da confissão religiosa pietista. O modelo biográfico da *Bildung* construiu-se e se impôs sob a forma literária do *Bildungsroman* - do Alemão: *Bildung*, formação e *Roman*, romance - modalidade de romance tipicamente alemã¹², caracterizando-se por uma estrutura que acompanha as etapas do desenvolvimento do indivíduo desde sua juventude até a

¹¹ “The finest characteristic of the typical German, the best-known and also the most flattering to his self-esteem, is his inwardness. It is no accident that it was the Germans who gave to the world the intellectually stimulating and very humane literary form which we call the novel of personal cultivation and development. Western Europe has its novel of social criticism, to which the Germans regard this other type as their own special counterpart; it is at the same time an autobiography, a confession. The inwardness, the culture ['Bildung'] of a German implies introspectiveness; an individualistic cultural conscience; consideration for the careful tending, the shaping, deepening and perfecting of one's own personality or, in religious terms, for the salvation and justification of one's own life; subjectivism in the things of the mind, therefore, a type of culture that might be called pietistic, given to autobiographical confession and deeply personal, one in which the world of the objective, the political world, is felt to be profane and is thrust aside with indifference, 'because', as Luther says, 'this external order is of no consequence!'.”

¹² Para mais informações sobre gênero *Bildungsroman* ver: MAAS, Wilrna Patrícia Marzari Dinardo. **O cânone mínimo: o *Bildungsroman* na história da literatura**. São Paulo: Editora UNESP, 2000

maturidade. Esta estrutura, segundo a autora, tem para nós um caráter de evidência, pois teria se tornado o esquema preponderante de representação biográfica desde então. Este modelo/esquema de narrativa ao se estabelecer, introduziria uma nova definição da temporalidade biográfica, que representa a imagem de uma vida em *devir*. Dentre os pioneiros do gênero *Bildungsroman* estão o *Agathon* (1777) de Christoph Martin Wieland (1733-1813) e *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (1795-1796) de Goethe, considerado paradigma do gênero. Maas (1999, p. 174), ao comparar *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* com *Poesia e Verdade*, entende que ambos apresentam características literárias de “obras de formação”: “Enquanto na autobiografia o processo da formação nos é relatado de forma clara, direta e ordenada, no [romance] esse mesmo processo aparece mediatizado, impondo a necessidade de interpretação.”

1.3 Contexto histórico e conteúdo de *Poesia e Verdade*

Em 1809, Goethe esboçara seu primeiro esquema de uma autobiografia. Estava, então, com sessenta anos. Sofrera, nos últimos anos, uma série de perdas pessoais e também presenciara as mudanças que inicialmente a Revolução Francesa e, posteriormente, a expansão imperial de Napoleão Bonaparte causara à Europa, principalmente no que concernia ao território alemão. Herder, seu conflitoso amigo, já havia falecido em 18 de dezembro de 1803, entretanto, foi devido à perda de Johann Christoph Friedrich von Schiller (1759-1805) que Goethe primeiramente começou a pensar em construir um relato de sua vida, sentimento que foi reforçado com as mortes da duquesa Ana Amália de Brunsvique-Volfembutel (1739-1807)¹³ e de sua própria mãe, Katharina Elisabeth Goethe (1731-1808).

A separação de pessoas próximas e os rumos políticos em curso deixaram no autor um sentimento de ruptura com o mundo que conheceu. Segundo autores como Borchmeyer, Birus e Montez, em função destas mudanças, Goethe passaria a se ver como “histórico”, como parte de uma realidade que deixava, gradualmente, de existir (BORCHMEYER, 1979, Apud MAAS, p. 17; BIRUS, 2004, Apud GALLE, p. 255; MONTEZ, 2006, p. 182).

De fato, desde a Revolução Francesa, saudada inicialmente por Goethe, entre outros intelectuais alemães, os principais acontecimentos políticos proveriam, primeiro, das guerras

¹³ Mãe do duque Karl August de Weimar, foi para Goethe desde sua chegada à cidade um porto seguro, sendo decisiva para o estabelecimento do autor e sua permanência definitiva. SAFRANSKI, Rüdiger. **Goethe: la vida como obra de arte. Traducción del alemán** de Raul Gabás. Barcelona: Tusquest Editores, 2015. Capítulo 29.

contra a França revolucionária e, a partir de 1799, das guerras contra a França imperial. O próprio Goethe participara de uma expedição ao lado do duque Karl August (1757-1828) de Weimar contra a França, registrada em *O cerco de Mainz*, publicado em 1822.

Sua parceria com Schiller, iniciada em 1794, no que ficou conhecido como Classicismo de Weimar, era uma forma de resposta às convulsões revolucionárias francesas. A alternativa escolhida tinha por base o conceito de *Bildung*, sendo um projeto idealista de educação estética e cultural da humanidade. (MONTEZ, 2006, p. 179)

Por seu tempo, havia o Romantismo, fenômeno cultural filosófico-artístico surgido em países como Inglaterra, França e Alemanha (com características distintas em cada um) após a segunda metade do século XVIII, sob certos aspectos, em oposição à racionalização da vida proposta pelo Iluminismo e aos preceitos aristocráticos do *Ancien Régime*. Na Alemanha, Goethe, daria sua contribuição com a peça *Götz von Berlichingen da mão de ferro* (1773) e com o romance epistolar *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774), ao que ficou conhecido como o Pré-Romantismo alemão, o movimento *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto): “O Werther de Goethe representa uma crítica da ambiência e mentalidades burguesas, tanto como aristocráticas”. (SAYRE; LÖWY, 1995, p. 81)

De Iena, cidade universitária vizinha a Weimar de Goethe, surgiria o primeiro centro irradiador do Romantismo Alemão propriamente dito, através do filósofo Johann Gottlieb Fichte (1762-1814) e da revista *Athenaeum*, dos irmãos crítico-literários August Wilhelm Schlegel (1767-1845) e Friedrich Schlegel (1772-1829), fundada para rivalizar com as *Horen* (de Schiller). Uma das características marcantes deste romantismo seria a de um incipiente nacionalismo, visto sobretudo em Fichte, motivado contra os franceses e a dominação napoleônica. (CARPEAUX, 2014, p. 90-1) Contrariamente a esta faceta de seus compatriotas românticos, Goethe criaria posteriormente, em 1827, a ideia de uma literatura universal (*Weltliteratur*), que nas palavras de Marcus Vinícius Mazzari significaria “um conceito dinâmico de intercâmbio artístico, espiritual e intelectual entre as nações, correspondente à aceleração, no século XIX, do avanço tecnológico, do comércio internacional, dos meios de comunicação”. (GOETHE, 2016, p. 24)

Até a publicação das três primeiras partes de *Poesia e Verdade*, o nacionalismo supracitado cresceria exponencialmente em território alemão, com se pode perceber em os *Discursos à Nação Alemã* (1808), de Fichte. Entretanto, as determinações do Congresso de Viena em 1815 e a criação da Federação Alemã - composta de 35 estados monárquicos mais quatro

idades livres - frustrariam as expectativas de unificação e ascensão de uma poderosa Alemanha, a qual somente aconteceria décadas depois, após a Guerra Franco-Prussiana (1870-1871). (KESTLER, 2008)

A autobiografia de Goethe, *Aus meinem Leben. Dichtung und Wahrheit* (*De minha vida: Poesia e Verdade*), foi publicada em quatro momentos: as três primeiras, respectivamente nos anos de 1811, 1812 e 1814, enquanto a quarta parte veio a público somente no ano posterior à morte do autor, em 1833, através de uma compilação final feita pelo seu secretário particular e amigo pessoal, Johann Peter Eckermann (1792-1854). Trata-se de um contexto em que, apesar das Guerras Napoleônicas, o meio editorial viveu uma revolução nas práticas de leitura, sendo que o “mercado do livro expandiu-se entre 1740 e 1800 em cerca de trezentos e cinquenta por cento”¹⁴, de acordo com Nicholas Saul (2003, p. 248).

Em 1813, quando Goethe começara a rascunhar a quarta parte, o trabalho fora interrompido¹⁵, sendo retomado esporadicamente nos anos seguintes, até que em 1831 o autor finalmente reunira os fragmentos escritos nos dez anos anteriores, concluindo a obra em duas semanas. (MAZZARI, 2019, p. 233) Sendo assim, considerando a obra como um todo, *Poesia e Verdade* é composta por quatro partes, contendo em cada uma cinco livros, totalizando vinte. Além de *Poesia e Verdade*, Goethe publicou outros trabalhos de caráter autobiográfico: *Ítalienische Reise* (*A viagem na Itália*, 1813 e 1817), *Belagerung von Mainz* (*O cerco de Mainz*, 1822, supracitado), *Campagne in Frankreich* (*A campanha na França*, 1822) e *Tag-und Jahres-Hefte* (*Cadernos diários e anuários*, 1830).

Voltando à sua autobiografia, esta cobre a trajetória desde o nascimento do autor na cidade-Estado de Frankfurt am Main, em 28 de agosto de 1749, passando por sua infância, adolescência e idade adulta, até o momento em que parte, a convite do duque Karl August, para uma visita ao principado de Weimar, em novembro de 1775 – “visita” que se tornaria permanente, pois Goethe viverá o restante de sua vida na pequena cidade de Weimar. Em um primeiro momento, aceitará ser conselheiro pessoal do duque Karl August, assumindo com o passar dos anos cargos políticos e administrativos na cidade. O conteúdo da obra, nas palavras de

¹⁴ Segundo nota de Maurício Cardozo, “A época de Goethe coincide com o surgimento do escritor independente, do mercado livresco e do universo editorial moderno. O próprio Goethe teria papel decisivo na regulamentação dos direitos autorais na Alemanha, especialmente no que dizia respeito aos direitos de impressão.” (GOETHE, 2017, p. 619)

¹⁵ Provavelmente prejudicado pelo clima de tensão trazido pelo contexto das Guerras Napoleônicas, sobretudo naquele momento em função da Sexta Guerra de Coalizão (1813-1814). Em 1813 ocorreu grande derrota de Napoleão em Leipzig, na chamada Batalha das Nações, contra Prússia, Áustria, Rússia e Suécia.

Otto Maria Carpeaux (2014, p. 78, grifo nosso), é “um grande panorama da Alemanha intelectual na segunda metade do século XVIII, com a pessoa do poeta *e sua evolução* no centro”. Para Nicholas Saul (2003, p. 242-244), as tendências literárias heterogêneas presentes na literatura alemã durante o período entre 1770 e 1830 - aqui o autor menciona diretamente o conceito *Sattelzeit* de Koselleck para referir-se a um interlúdio de transição entre as velhas e novas tendências - responderam criativamente, em geral, a eventos históricos e culturais, dentre os quais destacam-se os efeitos da Revolução Francesa (política) e a Secularização das instituições (cultura). E como Goethe “respondeu à sua época” em sua autobiografia? Acreditamos que a análise do prefácio de *Poesia e Verdade*, a qual veremos à frente, poderá ajudar a elucidar esta questão, principalmente no que diz respeito à definição de Goethe sobre qual deveria ser a tarefa de uma biografia. Podemos adiantar que, certamente, assim como a “efervescência político-cultural” do período motivou o autor a escrever um relato biográfico, igualmente influenciou em seu conteúdo. Para Galle (2019, p. 255-6), o contexto europeu do período não está em *Poesia e Verdade* como mero pano de fundo à narração do desenvolvimento do sujeito Goethe, “mas como realidade inter-relacionada.”

Dentre eventos históricos descritos na obra estão, por exemplo, o terremoto em Lisboa no ano de 1755 (causando grande comoção em território alemão - sobretudo nas convicções religiosas do menino Goethe - presente no primeiro livro da primeira parte), a Guerra dos Sete Anos (primeira guerra de proporções mundiais, constando no terceiro livro da primeira parte)¹⁶ e a coroação do imperador do Sacro Império Romano Germânico José II em Frankfurt, no ano de 1765 (quinto livro da primeira parte). Outrossim, a autobiografia apresenta importantes atores do cenário cultural alemão, destacando-se Herder¹⁷, o qual Goethe conheceu em Estrasburgo no ano de 1770, fato considerado pelo autor (e pela crítica literária) como um dos encontros mais importantes e significativos de sua vida. Além de Herder, nomes como Johann Christoph Gottsched (1700-1766), Friedrich Gottlieb Klopstock (1724-1803), Johann Kaspar Lavater (1741-1801), entre muitos outros, desfilam por *Poesia e Verdade*, cada qual à sua maneira

¹⁶ De 1759 a 1763 a casa da família Goethe foi obrigada a servir de quartel general para o exército francês sob comando do conde de Thoranc, situação que trouxe uma série de transtornos principalmente para o inconformado pai de Goethe, Johann Caspar Goethe, apoiador manifesto de Frederico II da Prússia.

¹⁷ Goethe se refere a Herder em *Poesia e Verdade* como o “espírito contrariador”. Herder teve grande influência no movimento literário *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto) além de, juntamente com Goethe, terem estudado a língua e as canções populares para identificar o *volksgeist*, o espírito do povo alemão. VISENTINI, Paulo G. Fagundes; PEREIRA, Analúcia Danilevicz. **História do Mundo Contemporâneo: da Pax Britânica do século XVIII ao Choque das civilizações do século XXI**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 47.

interagindo com a trajetória de Goethe. Ao contar suas experiências, o autor reflete sobre arte, religião, filosofia, ciência, política, história, direito e outros assuntos, constituindo assim *Poesia e Verdade* como um registro de inestimável valor histórico sobre sua época.

1.4 Poesia, Verdade e Ficção

Desde o princípio, o título escolhido por Goethe para sua autobiografia suscitou a dicotomia verdade *versus* ficção. De fato, os aspectos formais, tanto do romance quanto da autobiografia são inegavelmente semelhantes, senão vejamos: envolvem, preliminarmente, uma concepção temporalmente distanciada do conteúdo e um encadeamento seletivo e ordenado dos acontecimentos constituintes da trama. No caso do *Bildungsroman*, existe, ainda, a semelhança no enredo: retrospectivo, em direção ao amadurecimento da personagem, como já dito anteriormente, mostrando a teleologia da personalidade.

Destarte, poderíamos, então, inferir desta analogia que o relato autobiográfico seria comparável a uma ficção? Sem entrar em uma longa discussão, que já tem uma trajetória extensa na historiografia, muitas vezes distanciada do que pensavam os indivíduos entre o fim do século XVIII e o início do XIX¹⁸, detenho-me no posicionamento do próprio Goethe – portanto, situado historicamente. E o que pensava Goethe a este respeito? Primeiramente, é importante entendermos o sentido da palavra *Dichtung*. Em entrevista ao jornal *Diário do Nordeste*¹⁹, o professor Maurício Cardozo, comenta que *Dichtung* (Poesia, do título) “transcende os limites do gênero como o conhecemos hoje, representando a literatura em diversas formas.” Estas formas seriam, ao mesmo tempo, poesia, ficção e literatura em geral. Vejamos então o parecer de Goethe:

‘Verdade e Poesia’, esse título foi sugerido em função da experiência de certa dúvida que o público sempre nutriu com relação à veracidade dos ensaios biográficos. Para fazer frente a isso, eu admiti uma espécie de ficção, por assim dizer, sem necessidade, e levado por certo espírito de contradição; *pois esse foi meu esforço mais sério de representar e exprimir, tanto quanto possível, a verdade profunda que, até onde tenho consciência, presidiu minha vida*. (GOETHE Apud COMBE, 2010, p. 123, grifo nosso)

¹⁸ Para uma discussão sobre a elaboração da ideia de ficção no século XVIII, ver: GALLAGHER, Catherine. “Ficção”. In: Moretti, Franco (org.). **A cultura do romance**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2009, 629-658.

¹⁹ “É PRECISO traduzir mais Goethe para lê-lo melhor”. Editora Unesp, 2017. Disponível em: <http://editoraunesp.com.br/blog/e-preciso-traduzir-mais-goethe-para-le-lo-melhor>. Acesso em 18 ago. 2021.

De fato, parece razoável que Goethe, escrevendo sobre sua própria vida, não imputasse deliberadamente ficção e/ou engodo em seu relato. Para Erich Trunz, poesia para Goethe seria o elemento acrescentado para compor acontecimentos do passado, distantes, inalcançáveis. Ou seja: “Tudo que na sua autobiografia é interpretação ele chamava de poesia. Os detalhes [...] ele chamava de verdade. Verdade e poesia (que era o título inicialmente [*Wahrheit und Dichtung*, com as palavras invertidas]) significa, portanto: os fatos e seu contexto”. (Apud GALLE, 2019, p. 266)

Outro elemento fundamental para entendermos o que Goethe considerava como “verdade” é sua noção de realidade elevada, ou verdade poética. Em conversa com Eckermann em 30 de março de 1831, disse o autor sobre sua autobiografia: “os fatos singulares relatados servem apenas para confirmar uma observação geral, uma verdade mais elevada”. (ECKERMANN, 2016, p. 470). E concluiu: “Pareceu-me [...] que meu livro contém alguns símbolos da vida humana. Intitulei-o Verdade e poesia [sic] porque, graças a suas elevadas tendências, ele se coloca acima de uma realidade rasteira” (ECKERMANN, 2016, p. 471). Erich Auerbach (1971) comenta que a representação da realidade - do realismo do tempo presente - na literatura alemã tendeu, em geral, após a segunda metade do século XVIII, para a abordagem de assuntos históricos ou poético-fantásticos, em detrimento do concretamente político e econômico. Quando tratava do realismo cotidiano, limitava-se a âmbitos pequenos e apolíticos, apresentando as situações de forma idílica, irônica, ou exclusivamente dirigidas para o pessoal. Paradoxalmente, comenta o autor, teria sido justamente a Alemanha da segunda metade do século XVIII o berço para o fundamento estético do realismo moderno: o Historicismo²⁰. Para Auerbach, o modo de observar o presente em uma sociedade estaria vinculado à sua compreensão da história: sendo assim, se o historicismo era característico da visão alemã de realidade, como os escritores alemães tendiam por eximir-se de abordar as mudanças histórico-sociais em curso? A explicação para esta postura estaria na composição politicamente fragmentada do território alemão do período, a qual oferecia um quadro social heterogêneo, repleto de diversas pequenas paisagens históricas. As numerosas e insignificantes dinastias, mantenedoras de ambientes opressivos, compunham cenários propensos à introspecção, a visões localistas, restringindo a possibilidade

²⁰Método filosófico que tenta explicar sistematicamente pela história, isto é, pelas circunstâncias da evolução das ideias e dos costumes ou pelas transformações das estruturas econômicas, todos os acontecimentos relevantes do direito, da moral, da religião e de todas as formas de progresso da consciência. (JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, 2001). Não paginado.

de uma visão do prático e do real que se voltasse ao amplo, ao abrangente.²¹ Com relação a Goethe, Auerbach identifica uma tendência nas obras do autor após a Revolução Francesa: a de não retratar o moderno modelo social emergente decorrente das convulsões sociais, e quando o fazia, priorizava aspectos mais gerais, tecendo comentários moralizantes, irônicos e pessimistas. A justificativa para essa postura, segundo Auerbach, seria a posição social de Goethe na aristocracia e em suas inclinações pessoais que abominavam as mudanças drásticas e violentas. No que diz respeito à representação da realidade em *Poesia e Verdade*, é necessário fazer algumas ponderações. A primeira delas é sobre o período retratado: lembremos que Goethe está escrevendo sobre seu passado, o qual vai de 1749 a 1775, logo, anterior à Revolução Francesa. Em segundo lugar, tratando-se de uma autobiografia, temos a atenção voltada para a vida do autor. Goethe relata aspectos tanto de sua vida pessoal quanto de eventos histórico-sociais os quais considera terem o influenciado de alguma maneira, expondo assim suas opiniões: neste caso, são os valores do maduro Goethe que julgam as situações do passado. A forma de realismo mostrada nestas situações, a nosso julgamento, contém de fato, como apontado por Auerbach, características poéticas. Quando, por vezes, evoca aspectos da sociedade, tende a descrições generalizantes, ou correlaciona-os a passagens de sua vida. Todavia, julgamos como inegável a presença - nesta obra em específico - de um marcante historicismo²² nas reflexões de Goethe, como veremos mais detalhadamente na análise do prefácio e do preâmbulo.

Por fim, gostaríamos de trazer para a discussão sobre a “verdade” no texto autobiográfico dois componentes igualmente essenciais: o tempo e a estrutura narrativa.²³ Para Koselleck

²¹ Sobre esta percepção “localista” dos alemães, é propício mencionarmos algumas características da formação político-territorial da Alemanha no tempo de Goethe. Durante o tempo de vida do autor, a maioria do território alemão fora agrupado politicamente de forma variada: até 1806, esteve sob o jugo do “figurativo” Sacro Império Romano Germânico, depois, um conjunto de cidades, ducados e principados alemães ficou vinculado ao domínio de Napoleão Bonaparte, inclusive o Ducado de Saxe-Weimar, onde vivia Goethe. Após a restauração em 1815, mais uma nova configuração, a Confederação Germânica, que perduraria até 1871. Sobre a noção de pátria, Maurício Cardozo ressalta em nota uma referência feita por Goethe à cidade de Frankfurt, sua terra natal, chamando-a de “nossa cidade”, diz Cardoso: “A expressão ‘nossa cidade’ traduz aqui o adjetivo alemão *vaterländisch* (pátrio, pátria). Vale notar que, nesta e em várias outras passagens, quando Goethe se vale de uma referência à pátria, refere-se, antes de mais nada, à tradição e a memória da cidade de Frankfurt, o que nos dá uma dimensão da amplitude (política e territorial) que a ideia de pátria teria para um alemão do século XVIII, início do século XIX.” (GOETHE, 2017, p. 101)

²² Sobre os diferentes aspectos do Historicismo em Goethe, ver: RODRIGUES DA CUNHA, M. O espelho criativo: Friedrich Meinecke e a reinterpretação do naturalismo de J.W. Goethe na gênese do historicismo alemão. **Revista de História da UEG**, v. 10, n. 01, p. e012106, 8 jan. 2021. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/10667>. Acesso em: 22 out. 2022.

²³ Elementos importantes também para o historiador, como se pode ver na discussão proposta por Hayden White (1994).

(2006), o intervalo temporal intransponível entre presente e passado torna toda interpretação histórica sempre uma ressignificação deste passado. Por isto, diz o historiador, Goethe alegou ser sua autobiografia uma espécie de ficção ou criação poética, “na qual — somente nela — podia encontrar-se a verdade de sua vida”. Portanto, “recorreu à ficção não porque quisesse introduzir, no seu relato, logro ou invenção; *foi o aspecto temporal que ligou a facticidade passada à ficção de sua elaboração.*” (2006, p. 250, grifo nosso)

Diante do exposto, podemos presumir que Goethe esteve ciente das implicações temporais, bem como da necessidade de selecionar eventos para a construção de seu tecido biográfico, seja pela importância que a estes imputou, seja pela necessidade de estabelecer uma coerência de enredo, por limitações da memória ou mesmo por omissões propositais. Assim sendo, “sua verdade” esteve sempre atrelada a essas condições e, não menos importante, à sua visão de uma realidade ideal, poética.

1.5 Prefácio e Preâmbulo

Tivemos, anteriormente, uma ligeira contextualização histórica do momento vivido por Goethe nos anos próximos a 1809, quando principiara seu relato autobiográfico. Para concluir este capítulo, verificaremos as palavras do autor na apresentação de sua obra ao público. Analisaremos o prefácio, na abertura da primeira parte, e o preâmbulo, na introdução da quarta e última parte. Para tanto, selecionaremos excertos que acreditamos possam lançar luz às pretensões de Goethe.

Começemos então pelo “pacto autobiográfico”. Pacto autobiográfico, segundo Philippe Lejeune, seria um posicionamento por parte do autobiógrafo via uma construção textual que contenha identificações como, *título, subtítulo, prefácio, nota introdutória, preâmbulo*, através da qual se “permite ao leitor admitir o texto como *expressão da personalidade daquele que escreve, em seu valor de verdade*”. (COELHO PACE, 2012, p. 08, grifos nossos)

“De minha vida” ... parece atender a tais requisitos. Assim Goethe introduz seu texto: “*Como prefácio ao presente trabalho – que talvez careça mais de uma introdução do que qualquer outro –*, segue aqui a carta que, escrita por um amigo, acabaria por ensejar tal *iniciativa, sempre tão arriscada.*” (GOETHE, 2017, p. 20, grifos nossos) Ao longo deste prefácio, como veremos a seguir, Goethe exporá suas explicações e intenções, finalizando-o desta forma: “Foi a

partir de tais considerações e esforços, de lembranças e reflexões como essas, que surgiu a presente exposição. Portanto, é a partir da perspectiva de seu surgimento que dela se poderá tirar o melhor proveito. É a partir desse ponto de vista que ela poderá ser mais bem utilizada e julgada de modo mais razoável.” (GOETHE, 2017, p. 24)

Como percebemos, o autor identifica a partir do título que a obra trata de sua vida. No prefácio, ao enunciar que o trabalho precisa de uma introdução mais do que qualquer outro, comunica ao leitor um compromisso em querer ser o mais elucidativo possível²⁴. Além disso, ao mencionar o risco que corre ao falar de si próprio, chama o público para uma conversa mais intimista, pessoal. Ao concluir sua introdução, deixa pontuado sob que perspectivas o texto surgiu e de que maneira gostaria que fosse compreendido. O “contrato” com o leitor é, dessa forma, estabelecido desde o princípio.

Seguimos com a análise do prefácio, o qual apresenta “a carta de um amigo” que solicita a Goethe, por ocasião da publicação completa de sua obra em treze volumes, uma série de explicações sobre estas. É importante termos em mente que este amigo, não identificado, se trata, segundo Maas (1999, 168-9) e Jessing (1997, p.278, apud GALLE, 2019, p. 255), de um recurso literário usado por Goethe como ponto de partida para a elaboração de seu texto. Um elemento fictício. Tendo isto em conta, sabemos que estamos diante das reflexões do próprio Goethe com relação a sua obra. Temos então:

Caro amigo, temos agora reunidas as doze partes de suas obras literárias. Ao longo da leitura, deparamo-nos com coisas conhecidas, outras ainda desconhecidas; por certo, muito do que caíra em esquecimento ganhará novo fôlego com essa reunião. Por serem apresentados em um mesmo formato, somos levados a tomar esses doze volumes como um todo, o que também desperta em nós o desejo de apreender, do conjunto, uma imagem de seu autor e de seu talento. Convenhamos que, em vista do vigor com que começara sua carreira de escritor e o longo tempo passado desde então, uma dúzia desses pequenos volumes não parece tanta coisa assim. *Tampouco se pode deixar de levar em consideração que os trabalhos, vistos individualmente, são, na maior parte das vezes, produto de circunstâncias muito específicas e que, conseqüentemente, trazem a lume tanto as questões externas que lhes foram determinantes, quanto um estado específico, e então decisivo, de desenvolvimento interior*; isso para não mencionar o fato de que também prevalecem, em cada trabalho, certas máximas e convicções morais e estéticas do tempo que lhes deu origem. Se vistos como um todo, portanto, esses trabalhos não parecem apresentar-se como partes de um só conjunto; e em um caso ou outro, mal podemos tomá-los como obra de um mesmo escritor. (GOETHE, 2017, p. 21-2, grifo nosso)

Podemos perceber aqui o escritor maduro que olha retrospectivamente para seu legado. Ao contemplar sua obra, desde o início promissor (lembremos do sucesso de *Os sofrimentos do*

²⁴ Aqui pensemos na verdade para Goethe, visto anteriormente.

jovem Werther), até o momento em que escrevia (a versão definitiva da primeira parte de *Fausto* havia sido publicada em 1808), o autor percebera uma falta de unidade. Dois pontos destacam-se desta percepção: o primeiro é a consciência historicista de Goethe sobre a interferência que as mudanças históricas em curso durante sua vida causaram em cada uma de suas obras, tornando-as, vistas diacronicamente, como muito diferente umas das outras. O segundo ponto, é a vinculação destas mudanças históricas ao seu desenvolvimento interior, sua *Bildung*. Goethe propõe-se então a preencher uma lacuna de caráter histórico-hermenêutico de sua obra completa. (MAAS, 1999, p. 166) Segue a “carta”:

Ao dedicar esse esforço a um círculo mais estreito de amigos, é possível que disso surja algo de agradável e útil também para um círculo mais amplo de interessados. *Ainda que em idade avançada*, o escritor não deve abrir mão do privilégio de manter-se em contato com aqueles que, mesmo à distância, conservam-lhe grande afeição. *E, se nem a todos os escritores é dado, nessa idade, novamente apresentar produções surpreendentes e de grande repercussão, poderia ser muito interessante e revigorante – justamente no tempo da vida, em que a percepção e a consciência das coisas tornam-se mais amplas e claras – retomar tudo o que foi feito e dar os últimos retoques numa obra tão capaz de continuar a contribuir com a formação de todos aqueles que, ao longo de suas vidas, desenvolveram-se cultural e intelectualmente junto com o artista e por sua influência.* (GOETHE, 2017, p. 22-3, grifos nossos)

Neste trecho “salta aos olhos” o Eu histórico. Goethe se considera em idade avançada, quando, segundo pensava, poucos autores desfrutariam da possibilidade de ainda serem relevantes. É o sentimento de incompatibilidade com os “tempos modernos”, transitórios. Todavia, o autor se vê em um momento de grande sabedoria, fruto da maturidade atingida e, apto a melhor compreender sua trajetória. E, assim procedendo, poderia continuar contribuindo para a *Bildung* (desenvolvimento cultural e intelectual) daqueles que sempre o leram, bem como continuar a desenvolver a si mesmo. Uma revisão da própria experiência de vida feita por Goethe, ressignificando seu passado a partir do diálogo com seu Eu do presente, projetando-se para um futuro ainda possível e “revigorante”. Contudo:

Tentei reavivar na lembrança o tempo e as circunstâncias em que as havia escrito, mas esse trabalho foi se tornando cada vez mais penoso, uma vez que, para preencher as lacunas do que já se dava por conhecido e publicado, informações e explicações mais detalhadas ainda se faziam necessárias. Faltavam-me, principalmente, as lembranças de todas as minhas primeiras tentativas, assim como muito do que eu havia começado sem, contudo, acabar; sentia falta até mesmo da primeira configuração daqueles trabalhos que, reelaborados ao longo do tempo, acabariam ganhando uma forma final bem diferente. Além disso, também me dei conta de que era preciso considerar meus esforços nas ciências e em outras artes, enfim, o que eu, sozinho ou na companhia de amigos, havia feito – como exercício particular ou como algo dado a público – em campos aparentemente tão distintos do saber. (GOETHE, 2017, p. 22-3)

Aqui são evocadas as limitações temporais, já discutidas neste capítulo. Se pensarmos, por exemplo, em sua primeira obra de vulto, *Götz von Berlichingen da mão de ferro*, do início dos anos 1770, temos um intervalo superior a trinta e cinco anos. Além da ausência de materiais que pudessem servir de “auxílio à memória”, o autor cita seu envolvimento em outras atividades, das quais podemos salientar *A Teoria das Cores*, trabalhada mais detidamente desde 1807 e publicada em 1810, ou seja, concomitantemente à sua autobiografia. Por fim, ao se esforçar “para apresentar, em sequência, as motivações interiores, as influências exteriores e os aspectos teóricos e práticos de cada passo dado” (GOETHE, 2017, p. 23), o autor se deparava com uma necessidade intrínseca de falar de sua vida pessoal, de relacionar seus encontros com pessoas conhecidas, as quais lhe influenciaram decisivamente.

Em outra sentença, podemos perceber novamente o historicismo goetheano quando atrela sua vida e de outras pessoas ao desenrolar da história: “E, é claro, também demandavam atenção especial as enormes mudanças no curso político da vida em geral, que tiveram grande impacto sobre mim e sobre a grande massa de meus contemporâneos”. (GOETHE, 2017, p. 23) Diante destas exigências, o autor justifica no modelo autobiográfico o veículo apropriado para narrar a “complexidade de uma vida”, a própria, entendendo o objetivo de uma autobiografia como sendo

apresentar o homem no contexto das relações de seu tempo, mostrar o quanto ele a elas resiste e o quanto delas se beneficia; de que modo, a partir delas, constrói sua visão do mundo e do homem; e de que modo elas impactam em sua condição de artista, poeta, escritor. No entanto, isso exige algo quase impossível de se alcançar, a saber: que o indivíduo conheça a si mesmo e a seu século, mantendo-se sempre o mesmo em todas as circunstâncias, ainda que, querendo ou não, o tempo o acabe arrastando consigo, definindo-o e formando-o; e o faça de tal modo que se possa dizer que qualquer um nascido dez anos antes ou depois seria, no que diz respeito a seu próprio desenvolvimento cultural e intelectual e à repercussão de sua vida no mundo, um indivíduo completamente diferente. (GOETHE, 2017, p. 23-4).

Esta é a tônica de *Poesia e Verdade*. A trajetória do autor em seu processo de eterno *devir* formativo, levado pelas circunstâncias históricas que transformavam a sua Alemanha. Processo sobre o qual ele mesmo fora um dos principais vetores, compondo uma cena cultural que levaria um império considerado atrasado e retrógrado para a vanguarda do pensamento filosófico europeu na virada do século XVIII para o século XIX.

Chegamos enfim ao preâmbulo, o encadeamento da quarta e última parte do projeto autobiográfico de Goethe, lançado postumamente, em 1833. Como já visto, sabemos que sua escrita foi esparsa, sendo definitivamente retomada somente em 1831, quando o autor já tinha mais de oitenta anos. Conforme registro do diário de Eckermann de 28 de fevereiro de 1831,

Goethe o havia enviado o manuscrito do quarto volume para que fosse verificado se necessitaria de mais alguma alteração. Eckermann fez a seguinte observação a respeito:

Esse quarto volume como um todo é muito diferente dos três que o precedem. Aqueles avançam sempre em uma determinada direção, e seu transcurso se estende ao longo de vários anos. Neste, ao contrário, nem parece que o tempo passa, e tampouco se vê uma decidida aspiração por parte da personagem principal. Algumas coisas são iniciadas, mas não concluídas, algumas são desejadas, mas diversamente conduzidas, e assim sentimos o tempo todo um poder que atua secretamente, uma espécie de destino que entretece variados fios em uma teia que apenas os anos futuros deverão completar. (ECKERMANN, 2016, p. 445)

O epílogo da autobiografia de Goethe é certamente diferente das três partes anteriores. Afinal, se passara mais de quinze anos desde o lançamento da terceira parte, em 1814. As mudanças continuaram: viera o Congresso de Viena, a nova configuração política da Confederação Alemã e o conservadorismo/nacionalismo da era Klemens von Metternich (1773-1859). Chegara o momento da literatura moderna, engajada politicamente, a qual via a arte de Goethe, Schiller e até de românticos como Schlegel como um empecilho ao surgimento de jovens escritores na Alemanha. Eram os ecos revolucionários de 1830.

No fim de sua vida, Goethe trabalhava na conclusão de sua obra máxima, a segunda parte de *Fausto* e, em paralelo, sem o mesmo afinco e detalhamento das três primeiras, a quarta e derradeira parte de *Poesia e Verdade*. Vejamos como Goethe retomou sua história:

Ao lidarmos com uma história de vida que se desdobra de maneira tão variada, como esta que ousamos aqui retratar, surgem circunstâncias que se nos impõem com certa dificuldade ao longo do caminho. Para torná-las mais legíveis e compreensíveis, sentimos a necessidade de tratar com maior destaque determinados eventos há muito devorados pelo tempo e de tratar em bloco alguns outros que só ganham sentido quando reunidos numa sequência. Logo, esta obra é composta por partes que, prestando-se isoladamente a uma consideração mais minuciosa, propiciam um aproveitamento mais amplo do todo. Abrimos esta última seção do livro com a observação acima, na expectativa de que ela possa contribuir para justificar o modo como procedemos. Pedimos ainda que o leitor tenha em mente que a narrativa, que aqui se segue, não se projeta exatamente numa linha de continuidade dos últimos eventos narrados no livro anterior. Trata-se, antes, de retomar um a um seus principais fios narrativos, encadeando-os consistentemente e fazendo jus tanto às pessoas quanto a seus atos e suas ideias. (GOETHE, 2017, p. 803-804)

Podemos entender este preâmbulo como um reforço de certos aspectos vistos até aqui: a preocupação em comunicar o público sobre os meandros da construção narrativa (o engajamento do pacto autobiográfico) e as dificuldades impostas pelo (ainda mais) longo tempo decorrido. O intuito era de fazer um fechamento do ciclo biográfico, pois o tempo se esvaía para Goethe, o qual ainda sofreria uma grande perda no ano de 1830, o falecimento de seu filho August von Goethe (1789-1830).

Em síntese, neste capítulo, verificamos que a autobiografia moderna se tornou possível devido à consolidação da noção de indivíduo, característica do século das luzes. Por sua vez, a configuração clássica da *Bildung* atingida durante o *Sattelzeit*, a época de Goethe, firmou-se como modelo das narrativas autobiográficas, o mesmo modelo dos romances de formação alemão (*Bildungsroman*). A composição de *Poesia e Verdade* ancora-se, desta feita, na confluência destes dois eventos: Goethe, manifestação exemplar deste sujeito emancipado racionalmente, narra sob uma estrutura romanesca a história de sua vida, de sua *Bildung*, com a presença vista - na análise do prefácio e do preâmbulo - de um historicismo proeminente. A realidade, para o autor, é expressa em forma de poesia, forma bela e elevada de ilustrar, segundo o próprio, a vida rasteira, mas também, um recurso necessário para dialogar com a distância temporal intransponível.

2. GOETHE E A TRADIÇÃO HISTÓRICA DOS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS: AUTOFORMAÇÃO EM *POESIA E VERDADE*

A expressão “exercício espiritual”, de acordo com o filósofo Pierre Hadot, já fora utilizada por alguns historiadores do pensamento tais como Jean-Pierre-Vernant e Louis Gernet e, a despeito de críticos, não possuiria conotação religiosa. Segundo definição de Hadot, presente em *Não se Esqueça de Viver - Goethe e a tradição dos exercícios espirituais*, trata-se de “atos do intelecto, da imaginação ou da vontade, caracterizados por sua finalidade: graças a eles o indivíduo se esforça para transformar sua maneira de ver o mundo, a fim de transformar a si mesmo. *Não se trata de se informar, mas de se formar*”. (2019, p. 09, grifo nosso) Os exercícios espirituais podem ser considerados, assim, práticas de autodisciplina, fazendo parte de uma antiga tradição ocidental cuja origem encontra-se na filosofia greco-romana, como veremos mais adiante. Hadot, um estudioso de Goethe, comenta, em *Não se esqueça de viver*, a atitude filosófica do poeta alemão. Analisa, naquela obra, como tais exercícios são sugeridos pela vida e pelos textos de Goethe, observando também como a visão que os motivaram fora posteriormente endossada por Nietzsche. (HADOT, 2019, p. 10)

Cabe ainda ressaltar que estamos tratando, neste estudo, de dois assuntos portadores de longa historicidade, pois, assim como os “exercícios espirituais”, a *Bildung* clássica alemã, na configuração atingida entre os anos de 1770 e 1830, também se insere em uma tradição cuja raiz está igualmente na Antiguidade Clássica: *a tradição filosófico-educacional de formação humana*, assim brevemente contextualizada por Nadja Hermann:

a ideia filosófico-educacional de formação tem raízes antigas, se origina no mundo grego, quando se estabelece a autoconsciência de que para educar é preciso problematizar a condição humana, conhecer suas imperfeições para melhorá-la na busca do bem, do belo e do verdadeiro. Os gregos denominaram *Paideia* a formação humana orientada para a virtude espiritual, a mais difícil de ser adquirida, conforme reflexão dos sofistas, de Sócrates, de Platão e de Aristóteles. Esse movimento cultural projeta um ideal ético de moderação e bom senso, vinculado ao bem comum. Os latinos reinterpretaram essa herança, insistindo numa ética comunitária, na urbanidade, no dever de solidariedade entre os homens (2020, p. 01)²⁵

²⁵ A *Paideia* grega e a *Humanitas* latina são consideradas “ancestrais” da chamada *Bildung* clássica alemã, compondo todas, uma tradição ocidental de grandes projetos educacionais. Para mais detalhes sobre *Paideia* e *Humanitas*, ver, respectivamente: JAEGER, WERNER. *Paidéia: A Formação do Homem Grego*. Trad. Artur M. Parreira. Martins Fontes, São Paulo. 1995 e BESSELAAR, José Van Den. *Humanitas* Romana. **Revista de História (RH)**, v. 31 v. 64, pp. 12-28, 1965. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/123712>. Acesso em 12 out. 2021.

Sendo assim, veremos que, tanto os exercícios espirituais quanto a *Bildung* da época de Goethe (*Sattelzeit*), comungam, em linhas gerais, da mesma perspectiva: a de buscar o *aprimoramento do ser humano*.

2.1 Goethe, *Bildung* e a autoformação por meio de exercícios espirituais

Goethe teve grande importância para a consolidação da moderna noção de *Bildung*, ocorrida durante a *Aufklärung* (Iluminação - palavra usada para referir-se ao Iluminismo no contexto alemão), entre os anos de 1770 e 1830. Para o filósofo Antoine Berman (1992, p. 43), “embora seja comum a todos os escritores e pensadores da época, *Bildung* recebe sua forma canônica com Goethe.”²⁶ Thomas Mann, indo além de Berman, afirmará que, de fato, a *Bildung* proveria de Goethe e que, graças a este, teria atingido o status de princípio educativo na Alemanha. Mann também mencionará características destacáveis da herança goetheana para o conceito, tais como *o caráter plástico-artístico, o sentido da liberdade, a cultura e a crença na vida*. (MAAS, 2000, p. 217, grifos nossos) Souza (1998, p. 98), em concordância com Mann, ressalta a disposição pedagógica da *Bildung* em Goethe, além de um outro aspecto, considerado central na concepção de formação do alemão: o cultivo da sensibilidade artística como fundamento para o autoaperfeiçoamento. Goethe idolatrava a natureza, assim como a arte, considerando-as indissociáveis.

Na segunda metade do século XVIII, naturalistas alemães propuseram uma abordagem filosófica que se opunha ao mecanicismo e a separação do conhecimento das filosofias iluministas francesas e inglesas. Para estes filósofos, dentre os quais incluía-se Goethe, o Universo “estava saturado por uma atividade espiritual análoga, e assim os processos da natureza deviam ser interpretados por analogia, em comparação com o movimento interno do espírito, e não em termos da pura exterioridade da natureza em movimento”. (MASON, 1964, p. 282) Nesta concepção totalizante, o desenvolvimento da mente humana deveria seguir a lógica de desenvolvimento da natureza, pois ambas fariam parte do Espírito do Universo, compartilhando suas leis primordiais. (MASON, 1962, p. 290).

²⁶ “though it is common to all writers and thinkers of the age, *Bildung* receives its canonical form with Goethe”

Esta visão panteísta²⁷ de Goethe relacionava sua criação poética (ato da sensibilidade, do intelecto) com suas pesquisas científicas - geologia, anatomia, botânica, óptica e meteorologia - pois para o autor, homem e natureza seriam compostos pela mesma essência divina, logo, regidos pela mesma ordem. A arte poética e a filosofia naturalista estão desta forma entrelaçadas na visão unificadora do conhecimento em Goethe. O autor, como veremos mais detalhadamente à frente, sofreu influência da filosofia estoica e de Baruch Spinoza, entre outros aspectos, na concepção de totalidade da natureza e sua respectiva relação com o ser humano. (KESTLER, 2006)

Conforme Galle, o próprio processo de formação (*Bildung*) de Goethe narrado em *Poesia Verdade* foi pensado analogamente a processos naturais de desenvolvimento: “Toda essa trajetória em direção a si mesmo como homem é acompanhada pelos estágios infante-juvenis do amor e da religião que, como o desabrochar do poeta, encaixam-se no modelo do desenvolvimento orgânico da planta”. (2019, p. 259)

Outro aspecto do pensamento de Goethe em relação à totalidade referia-se a uma perspectiva de formação com vistas a atingir um ideal universal de harmonia estética. A noção de harmonia estética no autor remonta a sua estadia na Itália entre os anos de 1786 e 1788 (no já mencionado relato autobiográfico *Viagem à Itália*), quando se encantou pelos padrões artístico/estéticos da Antiguidade Clássica. A adoção destes padrões em sua obra artística resultaria posteriormente em sua colaboração com Schiller no que ficou conhecido como Classicismo de Weimar²⁸.

Carvalho (2018) ressalta que o romance *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* de Goethe representa a concretização do ideal estético clássico, pois contém além de ênfase na composição orgânica do todo, [...] *a trajetória de um caráter individual em direção à harmonia resultante do equilíbrio entre a determinação individual e a universalidade ideal*. Carvalho pontua também que, para Schiller, Wilhelm, o protagonista do romance, teria alcançado em sua *Bildung* o ‘estado estético’ quando atingiu a *liberdade natural de ser o que deve ser*. (2018, p. 166, grifos nossos)

²⁷ Concepção segundo a qual tudo o que existe deve sua existência a Deus, e em última análise se identifica com Deus. Deus é assim um ser imanente ao mundo, à natureza, e não um ser exterior e transcendente. Na filosofia clássica, os estoicos defenderam uma posição na qual Deus se confundia com a Alma do Mundo. No pensamento moderno, Espinosa é o principal representante do panteísmo, afirmando que Deus é a única substância infinita e eterna, da qual todas as coisas existentes são apenas modos. (JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, 2001). Não paginado.

²⁸ Para mais detalhes ver: SÜSSEKIND, Pedro. A recriação da Grécia. O debate de Goethe e Schiller sobre a imitação dos antigos. **KLEOS, Revista de Filosofia Antiga**, v 11-12, n. 11-12, pp. 77-89, 2007/8. Disponível em: <http://www.pragma.ifcs.ufrj.br/kleos/K11/K11.pdf>. Acesso em: 09 out. 2021.

Para Dalbosco (2019, p. 52-3), esta liberdade natural estaria representada em um dos sentidos da noção de campo de força (*kraftfeld*), qual seja, o da possibilidade ampla de desenvolvimento das habilidades humanas. Goethe ao atribuir a Wilhelm a vontade de instruir-se livremente através da atividade teatral, assinalou a importância atribuída à sensibilidade artística como força poderosa de cultivo para o espírito humano.

Pierre Hadot²⁹, como dissemos, estudou três exercícios espirituais cultivados por Goethe: a concentração no presente, que permite viver com intensidade cada momento da existência, sem deixar se distrair pelo peso do passado ou pela miragem do futuro; o olhar do alto, que consiste em posicionar-se à certa distância das coisas e dos acontecimentos, em se esforçar para enxergá-los em uma perspectiva de conjunto, desprendendo-se do ponto de vista individual e parcial (esse exercício pode ser puramente imaginativo, mas também pode corresponder a uma ação física, como a escalada de uma montanha); e, por fim, a atitude de esperança, considerada fundamental. Hadot também argumenta que os três exercícios em questão ilustram a conduta goetheana, expressa no lema *Memento Vivere* - Não se esqueça de viver - de inspiração Espinosista, o qual opõe-se ao *Memento Mori* - Não se esqueça de morrer - de platônicos e cristãos. Podemos pensar que o recurso a tais exercícios espirituais, em uma perspectiva de autoformação, foi utilizado por Goethe na redação de sua autobiografia, dando à autobiografia moderna essa feição de jornada individual. Vejamos a seguir em que momentos e de que modos encontramos esses exercícios em *Poesia e Verdade*.

2.1.1 Exercício Espiritual de concentração no presente: aplicação em *Poesia e Verdade*

Hadot argumenta que a atitude de situar a concentração da consciência no momento presente pertence a uma antiga tradição ocidental, podendo ser verificada desde o século V a. C. em pensadores como o grego Antifonte, o Sofista (480-411 a.C). Seguindo pela Antiguidade Clássica, semelhante postura filosófica em relação ao instante presente seria verificada no

²⁹ É atribuído a Pierre Hadot o mérito de ter redescoberto o aspecto vivencial da filosofia clássica. Em anos recentes, muitos de seus trabalhos nesta linha de abordagem receberam tradução para a língua portuguesa, senão vejamos: *Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga* (É Realizações 2014), *Wittgenstein e os Limites da Linguagem* (É Realizações 2014), *A Filosofia como Maneira de Viver* (É Realizações 2016), *Plotino ou A Simplicidade do Olhar* (É Realizações, 2019) e, finalmente, *Não se Esqueça de Viver - Goethe e a tradição dos exercícios espirituais* (É Realizações, 2019), último trabalho publicado pelo autor.

epicurismo³⁰ do grego Epicuro de Salmos (341-271/0 a.C.), nos romanos Cícero (106-43 a.C.), Lucrécio (94-50 a.C.) e Horácio (65 a.C.-08 d.C.), além de também constar no pensamento estoico³¹ de nomes como Sêneca (4 a.C.-65 d.C.) e Marco Aurélio (121-180 d.C.), durante o Império Romano. Ainda que opostas em certos aspectos, as escolas epicurista e estoica situavam da mesma forma a vivência com relação ao presente: a diferença residia no fato do epicurismo querer desfrutá-lo, enquanto o estoicismo queria-o intensamente. Para os epicuristas, o instante presente era visto como prazer, para os estoicos, como dever. Após longo hiato durante a Idade Média, desde Michel de Montaigne (1533-1592) até a filosofia popular do século XVIII, os aspectos vivenciais da sabedoria greco-romana seriam, em certas nuances, mantidos em publicações literárias. (HADOT, 2019)

O contato de Goethe com a Antiguidade Clássica, pode-se dizer, vem de muito antes de seu conhecido e já mencionado Classicismo. Ainda na infância, recebera as primeiras conexões com a cultura italiana, o pai, trouxera de suas viagens a cidades italianas uma série de artefatos, pequenas esculturas e gravuras, as quais maravilharam Goethe e sua irmã Cornélia. Da mesma forma, também o idioma italiano fora introduzido à família e a própria mãe de Goethe cantava ao piano canções na língua latina. Ainda na infância, aos oito anos de idade, o prodígio Goethe estudaria diversas línguas, entre elas o latim, o italiano e o grego. Não tardariam as leituras de

³⁰ Doutrina de Epicuro e de seus seguidores segundo a qual, na moral, o bem é o prazer. isto é, a satisfação de nossos desejos e impulsos de forma moderada, levando assim à tranquilidade. Por extensão, e de forma imprópria, este termo passou a aplicar-se a todo aquele que faz do prazer ou do gozo o objetivo da vida, o assim denominado "epicurista". O epicurismo repousa na canônica que trata dos critérios (cânones) da verdade. A primeira evidência é a da sensação, que constitui a base de todo conhecimento. A segunda evidência é a antecipação, a sensação se imprimindo na memória e permitindo o reconhecimento dos objetos. A terceira é a afeição: o prazer e a dor nos ensinam o que devemos procurar e o que precisamos evitar. Segundo Epicuro, o prazer é o começo e o fim da vida feliz e constitui o Bem supremo, cujo modelo perfeito nos é fornecido pela vida de delícias levada pelos deuses. Mas trata-se de um prazer obtido apenas no término de um discernimento refletido. (JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, 2001). Não paginado.

³¹ O estoicismo desenvolveu-se como um sistema integrado pela lógica, pela física e, pela ética, articuladas por princípios comuns. E, no entanto, a ética estoica que teve maior influência no desenvolvimento da tradição filosófica, chegando mesmo a influenciar o pensamento ético cristão nos primórdios do cristianismo. Na concepção estoica, os princípios éticos da harmonia e do equilíbrio baseiam-se, em última análise, nos princípios que ordenam o próprio cosmo. Assim, o homem, como parte desse cosmo, deve orientar sua vida prática por esses princípios. A ataraxia, imperturbabilidade, é o sinal máximo de sabedoria e felicidade, já que representa o estado no qual o homem, impassível, não é afetado pelos males da vida. É sobretudo da valorização dessa atitude impassível que se deriva o termo estoico, com seu sentido corrente. O estoicismo antigo, fundado por Zenão de Cicio (c.335-264 a.C.) e difundido principalmente por Cleantes (331-232 a.C.) e Crisipo (c.280-c.205 a.C.); 2) o estoicismo médio, de caráter mais eclético, cujos principais representantes são Panécio (e.180-c.110 a.C.) e Posidônio (135-51 a.C.); e 3) o estoicismo romano, imperial ou novo, representado por Sêneca (4 a.C.-65 d.C.), Epicteto (50-125 ou 130) e Marco Aurélio (121-180). (JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, 2001). Não paginado.

obras clássicas, quando surgiram os primeiros contatos com Homero e Virgílio, na biblioteca de seus tios:

Foi ali que entrei em contato pela primeira vez com Homero; aliás, por meio de uma tradução em prosa, publicada como o sétimo volume da Nova coleção das mais memoráveis narrativas de viagem, editada pelo senhor von Loen, sob o título *Descrição homérica da conquista do reino de Troia*, e decorada com gravuras bem ao gosto do teatro francês. [...] As aventuras, em si, divertiam-me extraordinariamente; mas também tinha minhas objeções quanto à obra em geral, já que não se fazia menção alguma à conquista de Troia e a narrativa terminava muito bruscamente com a morte de Heitor. Meu tio-avô, a quem pude me queixar pessoalmente, remeteu-me, então, à *Eneida*, de Virgílio, que satisfaria plenamente aquelas minhas demandas. (GOETHE, 2017, p. 62).

Anos mais tarde, quando estudava direito na cidade de Leipzig, Goethe mencionou a tristeza ao saber da morte de Johann Joachim Winckelmann (1717-1768): “O incidente monstruoso logo desenlaçaria, também, uma repercussão monstruosa; havia choro e lamento em toda parte. Sua morte prematura estimularia ainda mais a consideração pelo valor de sua vida”. (GOETHE, 2017, p. 397-8) Os textos de Winckelmann sobre a Antiguidade foram, segundo Ernst Gombrich (2012, p. 575-6), os responsáveis por introduzir em países de língua alemã a admiração pela arte grega. Importante ainda seria mencionar, sobre a relação de Goethe com a arte/poesia grega, sua tentativa de, entre os anos de 1797 e 1799, fazer uma continuação épica da *Ilíada*, projeto que não concluiria, restando, hoje, apenas um fragmento. (GOETHE, 2017, p. 62)³²

Hadot salienta a influência de Homero e de Winckelmann no tratamento de Goethe ao momento presente. Aos olhos do poeta, assim como os gregos antigos, Winckelmann seria um “homem são” por saber viver o presente, diferentemente da inquietação cristã doentia com o passado e com o futuro encontrada nos românticos. As obras de arte e a poesia da Antiguidade revelariam a Goethe dois aspectos no tratamento do presente: primeiramente, a percepção do *instante pregnante*, decisivo, o qual os gregos denominavam *kairos*, o momento que é preciso captar e representar para que nele se veja o passado e o futuro. Para tanto, seria necessário ter uma aguda atenção ao presente e sua respectiva significação no desenrolar dos acontecimentos, para que assim o indivíduo possa sentir sua participação no *devir* universal, ou seja, em uma realidade maior que transborda suas experiências individuais. Trata-se, da constatação neste momento, da *presença* viva dos seres e das coisas, um olhar poético que saberia captar o ideal na simples realidade³³. Nietzsche salientou que a serenidade para percepção deste momento

³² Informação presente em nota do tradutor, número 61.

³³ Sobre esta percepção do ideal na realidade, conforme já mostramos anteriormente, na visão poética de Goethe presente na composição de *Poesia e Verdade*, no dia 10 de abril de 1829 Eckermann relata o diálogo tido com

precisaria ser adquirida, sendo resultado de um grande esforço de vontade, uma vontade estética de lançar sobre a existência terrível e mundana o véu deslumbrante da criação artística. Com esta atenção treinada e direcionada ao presente, o sujeito tomaria consciência de sua participação no todo perene, atingindo o ápice da noção de existir, mesmo em simples momentos do cotidiano. Em segundo lugar, outro aspecto do momento presente está na percepção do *instante excepcional*, a ocasião inesperada de êxtase e de felicidade fornecida pelo destino. O instante excepcional é um momento inebriante, no qual a existência, como mencionado antes, se intensifica, quando se atinge um apogeu. (HADOT, 2019)

Veremos, finalmente, uma situação vivida por Goethe em *Poesia e Verdade* a qual sintetiza sobremaneira suas percepções sobre o instante presente, prenhe, à maneira em que os antigos viam e registravam em suas obras de arte. O então jovem autor havia não muito tempo lançado seu romance *Os sofrimentos do Jovem Werther* (1774), e, naquele momento, visitava a cidade de Colônia, conforme retratado no décimo quarto livro da terceira parte da autobiografia. Goethe comenta que naquela época, um sentimento estranho o assolava: “a sensação do passado e do presente como sendo uma única coisa – *uma perspectiva que sempre conferia ao presente algo de fantasmagórico*”. (GOETHE, 2017, p. 749, grifo nosso) O autor narra então uma visita que fizera à Casa Jabach, da família de Everard Jabach (1618-1695), importante colecionador de arte francês no século XVII:

Naqueles tempos mais deprimentes do que animadores, eu nem suspeitava de que as sensações mais belas e apuradas estivessem a minha espera, muito perto dali. Até que me levaram a Casa Jabach, onde pude ver materializado e com meus próprios olhos algo que eu só havia então concebido em minha imaginação. Havia muito que aquela família teria falecido, mas no piso térreo de sua residência, que dava para um jardim, nada parecia ter se alterado. Via-se ali um piso todo decorado com ladrilhos vermelho acastanhados, enormes poltronas entalhadas, com encostos e assentos bordados, tampo de mesa artisticamente trabalhados, assentados sobre pesados pés de madeira, luminárias de metal, uma lareira imensa, com os respectivos aparatos feitos na mesma proporção, tudo, enfim, em perfeita sintonia com aqueles outros tempos; não havia nada de novo em todo aquele espaço, nada de atual, a não ser nós mesmos. *Mas o que multiplicava e, para além de toda medida, transbordava as sensações suscitadas ali de modo tão excepcional era*

Goethe quando observaram um livro de paisagens do artista francês Claude Lorrain (1600-1682): “– Aí tem o senhor um homem perfeito – disse Goethe –, que sempre pensou e sentiu com beleza e em cuja alma havia um mundo como dificilmente se encontra em qualquer lugar aqui fora. Os quadros possuem a maior veracidade, mas nem sinal de realidade. *Claude Lorrain conhecia de cor o mundo real em seus mínimos detalhes, e o utilizava como meio para exprimir o mundo de sua bela alma. E essa é justamente a verdadeira idealidade, que sabe se servir de meios reais de modo que a verdade que se manifesta produz a ilusão de ser real. – Parece-me – eu disse – que essa é uma boa definição, válida tanto para a poesia quanto para as artes plásticas. – Também penso assim – disse Goethe.*” ECKERMANN, Johann Peter. **Conversações com Goethe nos últimos anos de sua vida: 1823-1832**. Trad. Mario Luiz Frungillo. São Paulo: Editora UNESP, 2016. P. 345-6, grifo nosso.

*um grande retrato de família, pendurado acima da lareira*³⁴. A tela retratava o antigo e rico proprietário daquela casa, sentado ao lado de sua esposa e rodeado por seus filhos. Todos naquele quadro pareciam tão atuais, tão vivos e cheios de viço, como se fora ontem, ou hoje mesmo, embora aquelas pessoas havia muito já não mais existissem. Até mesmo as bochechas redondas e viçosas das crianças haviam envelhecido, e não fosse pela existência daquela representação tão talentosa, não restaria delas mais nenhuma lembrança. *Dominado como fui pela força daquelas impressões, não saberia dizer nem como eu me vi, nem como me portei diante daquilo tudo. Com o pulsar intenso e infindo do meu peito, o que havia de mais profundo em minhas disposições humanas e em minhas potencialidades poéticas brotou à flor da pele, e tudo o que se escondia em mim de bom e de amável há de haver irrompido e se manifestado* (GOETHE, 2017, p. 749-750, grifos nossos).

Antes de relatar propriamente sua experiência ao estar na antiga residência, Goethe já dava pistas de seu “estado de espírito” em relação ao tempo, de sua sensibilidade que tendia por unificar passado e presente. Em sua descrição detalhada do interior da casa, já podemos perceber a atenção para os detalhes, o foco no instante, sua veia artística construindo suas impressões a cada nova visão, o que provavelmente, para muitos, não passaria de apenas mais uma decoração “antiga”, surtia em Goethe deleite contínuo.

Entretanto, para descrever o ápice de toda a experiência, ou seja, a contemplação do retrato da família Jabach, veremos, com auxílio de Hadot, com que expressões Goethe buscava compreender e viver o momento presente, a saber: *gegenwart* e *augenblick*. A palavra *Gegenwart*, em seu sentido original de presença, de aparição, de manifestação, só se concretizaria durante uma “piscada do tempo” (*Augenblick*), quando, aí sim, torna-se-ia possível nos sentirmos como parte de uma realidade universal, elevada, sendo este momento fugidio do presente reflexo da perpétua metamorfose da realidade, do jorrar da vida, compondo um instante paradoxalmente efêmero, porém eterno em sua transcendência. (HADOT, 2019)

Goethe relata que ao vislumbrar a beleza vívida do retrato, sentiu suas potencialidades brotarem, suas disposições poéticas e tudo que havia de melhor em si emergir diante da intensidade, da *gegenwart* proporcionada pela *augenblick*. Hadot destaca também outro aspecto, talvez o mais importante desta percepção diferenciada da riqueza do instante presente, o da possibilidade de uma novidade formadora:

Concentrar-se no momento presente é a um só tempo aceitar o que o destino nos oferece a cada instante e interiorizá-lo (*er-innern*), para tender a uma perfeição superior. Ao se concentrar no momento presente, a consciência, longe de se restringir, se alça a um ponto de vista superior - no qual de certa forma, o passado e o futuro são vistos no presente - e se abre para a infinidade e a eternidade do ser. (HADOT, 2019, p. 53).

³⁴ Trata-se de um retrato pintado por volta de 1660 pelo importante artista clássico/barroco Charles Le Brun (1619-1690). Para ter acesso à imagem em alta definição, ver: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/626692>. Acesso em 06 nov. 2021.

Dessa forma confluem, a *Bildung* e o exercício espiritual de concentração no presente. O autoaperfeiçoamento, traço preponderante da *Bildung* goetheana, combina, neste caso, o seu senso artístico, poético, idealizador da realidade, com a percepção do momento presente enquanto fundamento de uma vida sentida em sua plenitude, em simbiose com a totalidade orgânica universal.

2.1.2 Exercício Espiritual do olhar do alto, a viagem cósmica: aplicação em *Poesia e Verdade*

Poder-se-ia dizer que a prática do olhar do alto entre platônicos, epicuristas e estoicos consistia em uma espécie de ato prático, de um exercício da física (como subir em um local mais elevado), quando o próprio indivíduo procurava se situar em uma visão panorâmica. Através desta ação, o praticante proporcionaria a si um conforto para sua alma já que, compreenderia seu papel como parte de uma realidade maior, universal. Na Idade Média, as discussões ficariam no âmbito da compreensão da estrutura maior do universo, apenas reforçando concepções dos antigos. Já na tradição moderna, nomes como Blaise Pascal (1623-1662) e Voltaire (1694-1778) retomariam o tema do olhar do alto, entendendo-o como a atitude filosófica de modificar a representação vigente sobre a existência, tendo por consequência uma alteração na maneira de se viver. (HADOT, 2019).

Será justamente esta a intenção do olhar do alto em Goethe, ou seja, posicionar-se de forma elevada e contemplativa sobre o mundo no desejo de mudar a perspectiva sobre a vida, renovando-se, formando-se. Já vimos anteriormente a noção panteísta de Goethe, sendo esta importante para a compreensão de uma de suas ideias primordiais no que tange ao exercício espiritual do olhar do alto - a identidade entre o procedimento do poeta e o do observador da natureza - pois, segundo o autor, ambos deveriam assumir a mesma postura de manter-se acima das coisas, no intuito de alcançar um olhar único dirigido à Totalidade. (Ibidem, p. 76).

Sendo assim, selecionamos para ilustrar o exercício espiritual do olhar do alto, da viagem cósmica, dois momentos em *Poesia e Verdade*, um relativo à relação de Goethe com a natureza (para ele, Deus) e outro relativo à poesia. Na segunda parte, sexto livro de *Poesia e Verdade*, Goethe conta sobre acirradas conversas que teve com seu tutor a respeito de filosofia. Estava à

época com quinze anos de idade, no ano de 1765, às vésperas de ir para Leipzig estudar Direito. Vejamos o que incomodava o autor nas proposições de seu tutor/educador:

Nossa maior divergência residia no fato de eu não ver necessidade de haver uma filosofia como algo à parte, *uma vez que ela já era parte integrante da religião e da poesia. Esta era uma posição com a qual ele não podia de modo algum concordar.* Muito pelo contrário, procurava me convencer de que eram a religião e a poesia que tinham de se fundar na filosofia, algo que eu não podia, senão, negar obstinadamente, buscando, a cada movimento de nossas conversas, novos argumentos que justificassem minha opinião. (GOETHE, 2017, p. 267)

Este trecho descreve mais uma vez a tendência unificadora em Goethe, o qual não via as reflexões filosóficas dissociadas da religião e da poesia. Posteriormente, em um passeio ao redor da cidade de Frankfurt com seu tutor, Goethe relata outra situação deveras elucidativa sobre seu pensamento:

Meu amigo, preferindo a paisagem dos campos abertos às margens do rio, mais frequentadas por toda a gente, assegurou-me, jocosamente, que, com minha predileção, eu dava evidências de ser um verdadeiro alemão. Tomando Tácito por base, contou-me então, com riqueza de detalhes, como nossos ancestrais germânicos se satisfaziam com as sensações que a natureza nos proporciona tão esplendidamente, e sem maiores artifícios, na solidão daqueles ermos. Mas mal pôde ir muito longe com sua narrativa, logo o interrompi: – *Quem dera esse lugar tão precioso ficasse no coração de um mundo completamente selvagem! Quem dera pudéssemos erguer uma cerca em seu entorno, fazendo dele um lugar sagrado e consagrando-o a nós mesmos, ao mesmo passo que nos isolamos do restante do mundo! Por certo não há forma mais bela de adoração divina do que aquela que pode prescindir de imagens, do que aquela que irrompe de nosso seio simplesmente a partir do diálogo com a natureza.* (GOETHE, 2017, p. 269, grifo nosso).

Ninguém melhor que o próprio autor para descrever sua adoração pela natureza, sua filosofia naturalista. Percebemos também neste trecho a menção à introspecção, à interioridade alemã comentada por Thomas Mann em seu discurso supracitado. Podemos entender este relato como a efetivação do segundo exercício espiritual, tendo em vista que, a partir de um sentimento de comunhão com a natureza, tornar-se-ia possível, metaforicamente, uma viagem cósmica, um olhar de cima de uma montanha, transportando-se assim o espírito acima da trivialidade e do mundano, longe da confusão humana:

O olhar do alto abre perspectivas insuspeitadas para o cosmo e para a vida humana e provoca uma espécie de êxtase cósmico. Para ter acesso a isso, porém, é preciso realizar [...] uma ascensão espiritual, libertar-se das preocupações e dos materiais para ser capaz de espanto e admiração e apreender o sublime. (HADOT, 2019, p. 96)

Em seu refúgio na natureza, Goethe almejava por transcendência, por uma contemplação da vida em harmonia com o divino. Outrossim, veremos também que havia para o autor outra possibilidade de ascender o pensamento. Hadot (2019, p. 82), comenta a admiração de Goethe

por Homero, o alemão consideraria a poesia do grego como “verdadeira poesia” devido ao poder que esta teria de elevar-nos acima da Terra, até a ótica privilegiada dos deuses.

No décimo terceiro livro, terceira parte de *Poesia e Verdade* (o qual em linhas gerais contém a viagem de Goethe de Wetzlar para Frankfurt e traz comentários do autor acerca de *Götz von Berlichingen da mão de ferro* e *Werther*, então recém publicados), Goethe explanava acerca da admiração dos alemães pela poesia inglesa, quando fez o seguinte comentário:

A verdadeira poesia tem lugar quando, por força de uma serenidade interior e de um comprazimento exterior, ela é capaz de nos libertar, qual um evangelho mundano, dos lastros que a vida faz pesar sobre nós. *Como um balão de ar, ela nos faz tirar os pés do chão, levando-nos com todos os nossos contrapesos para as regiões mais elevadas e permitindo-nos observar, da perspectiva dos pássaros, os descaminhos confusos da vida no mundo.* Na poesia inglesa, as obras mais alegres, assim como as mais graves, tinham todas um mesmo fim: moderar tanto o prazer quanto a dor através de uma forma feliz e espirituosa de representação. (GOETHE, 2017, p. 694, grifo nosso)

Embora Goethe posteriormente teça críticas ao “fastio amarguroso da vida” de alguns poemas ingleses, sua concepção de uma poesia verdadeira - assim como na junção espiritual com a natureza - compreendia permitir ao indivíduo a capacidade de elevar-se, de purificar-se, de libertar-se do caos da sociedade, colocando-se em uma perspectiva universal de contemplação. Conforme Hadot (2019, p. 84), Goethe comparava a poesia ao voar em um balão, pois libertaria a imaginação para além de nossa vida terrena, integrando-nos a uma vasta, bela e revigorada perspectiva do Todo.

2.1.3 Exercício Espiritual da Atitude de Esperança: aplicação em *Poesia e Verdade*

Este exercício espiritual diz respeito à necessária atitude de esperança perante o destino. Para tratar do assunto, Hadot aborda o poema *Urworte. Orphisch* - Palavras Originárias. À moda Órfica -, de Goethe, fazendo uma análise de suas cinco partes, as potências *Daimon* (Demônio), *Tyke* (Fortuna), *Eros* (Amor), *Ananke* (Obrigação) e *Elpis* (Esperança), as quais descrevem o destino humano.

Na Antiguidade, atribuía-se a cada indivíduo uma *Tyke* que, unida ao seu *Daimon* pessoal, determinavam seu destino. A diferença entre ambos residia que, enquanto *Daimon* tinha preferencialmente uma relação com o interior, a *Tyke* vinculava-se a fatores externos. Nos poemas homéricos, a palavra *Daimon* evocava o destino individual. Em Platão (428/7-348/7 a.C.) e Marco Aurélio, o *Daimon* aparecia como uma realidade que ao mesmo tempo nos constitui e

nos transcende, que nos escolhe ou que é escolhido por nós. As potências, *Daimon*, *Tyke*, *Eros*, *Ananke* e *Elpis*, cada uma à sua maneira, determinariam e orientariam de modo inexorável o curso da vida do indivíduo. Para Sigmund Freud (1856-1939), do encontro das duas forças, *Daimon* e *Tyke* resultaria o destino humano, pensamento semelhante ao dos antigos e ao de Goethe, o qual Freud era profundo conhecedor. (HADOT, 2019).

A complexidade do significado do termo *Daimon*, o demoníaco, foi abordada por Goethe no vigésimo livro da quarta e última parte de *Poesia e Verdade*:

Embora esse demoníaco possa se manifestar em qualquer coisa corpórea ou incorpórea, apresentando-se de modo mais notável nos animais, é particularmente com o ser humano que ele trava sua relação mais singular, constituindo uma força que, se não é de todo contrária à ordem moral do mundo, por certo a atravessa de um lado ao outro, de modo que bem se poderia tomar uma pela trama e a outra pela urdidura. Para os fenômenos que daí resultam, há um sem-número de nomes, uma vez que todas as filosofias e religiões buscaram resolver esse enigma prosaica e poeticamente, tentando pôr um fim definitivo à questão – e que possam continuar tendo sempre a liberdade de fazê-lo. Mas o demoníaco se manifesta ainda mais aterradoramente quando irrompe de maneira predominante em uma pessoa qualquer. Ao longo de minha vida, tive ocasião de observar muitos desses casos, ora de longe, ora mais de perto. Não costumam ser homens dos mais excepcionais, nem pela grandeza de espírito, nem por seu talento, e tampouco é comum serem pessoas que pudéssemos recomendar pela bondade no coração; mas neles assoma uma força descomunal, com que exercem um poder inacreditável sobre toda criatura e até mesmo sobre as substâncias elementares da natureza – e quem sabe dizer até onde chegará sua influência? (GOETHE, 2017, p. 943)

Eckermann (2016, p. 448-9) comenta que no dia 02 de março de 1831, ao pedir a Goethe uma definição mais precisa sobre o que seria o demoníaco, recebera a seguinte resposta: “O demoníaco [...] é aquilo que não se pode decifrar através do entendimento e da razão. Ele não está em minha natureza, mas eu estou submetido a ele”. O diálogo segue, surgindo o nome de Napoleão Bonaparte como um exemplo cabal de demoníaco, devido à sua grande energia e natureza inquieta. Com relação à ocorrência do efeito demoníaco nos acontecimentos, Goethe aponta que este se perceberia “justamente naqueles que não conseguimos decifrar através do entendimento e da razão”.

Hadot (2019, p. 126) comenta que o problema do demoníaco, das “forças superiores”, perseguirão Goethe por toda sua vida, tanto no curso dos acontecimentos quanto nas empreitadas artísticas. Reforça que:

É significativo que a autobiografia de Goethe, *Poesia e Verdade*, comece pela evocação dos astros por ocasião de seu nascimento e se conclua com uma passagem de ‘*Egmont*’, aquele drama de Goethe inspirado na ideia de ‘daimônico’, que sugere que os cavalos do Destino nos arrastam numa corrida louca, sem que sejamos senhores nem da partida, nem do trajeto, tampouco da chegada; no máximo, ficamos felizes em evitar os obstáculos.

Poderíamos entender como paradoxal o fato de Goethe sinalizar seu nascimento atrelando-o a uma configuração astrológica, ou seja, a um certo tipo de determinismo e, posteriormente, vincular os descaminhos de sua vida ao que chamaríamos hoje de acaso/contingência. Na verdade, Goethe parecia entender que mesmo que tenhamos capacidades inatas, nem sempre poderíamos desenvolvê-las, face à interferência de forças como a *Tyke*, ou mesmo do inescrutável demoníaco. E como ter esperança perante à incerteza? Vejamos as palavras do próprio Goethe:

– Criança, Criança! Chega disso! Como que chicoteados por espíritos invisíveis, os cavalos de sol do tempo sempre disparam à frente do carrocinha ligeiro de nosso destino e, a nós, *não nos resta mais do que, corajosamente, segurar com firmeza as rédeas*, guiando as rodas ora à direita, ora à esquerda, desviando de uma pedra aqui, de um precipício acolá. Para onde vai, quem haverá de saber? Nem bem ele se lembra de onde veio. (GOETHE, 2017, p. 955, grifo nosso)

Nesta citação do drama *Egmont*, com a qual Goethe encerra sua autobiografia, a resposta para o enfrentamento do imponderável chamar-se-ia coragem, resiliência, contendo reflexos do estoicismo (*ataraxia*³⁵) e mesmo de suas leituras do Antigo Testamento. Para Hadot, em sua interpretação da potência *Elpis* do poema *Urworte* de Goethe, a esperança seria inerente ao ato de viver: “a esperança ao nos impelir para o alto, permite-nos reinterpretar o destino que nos é imposto e agir com confiança, ao situar nossa situação na perspectiva do Todo e da vontade do Deus Natureza. [...]. Ter esperança é estar vivo, é estar ativo” (2019, p. 148).

Uma das facetas do “estar ativo” em Goethe estava no hábito do poeta em dar vazão às suas experiências através de escritos. Conforme salienta Carpeaux (2014, p.73), o próprio Goethe teria chamado a si de “poeta de ocasiões”, sendo assim, não somente em seus trabalhos declaradamente autobiográficos, mas em toda sua produção artística, estaria a atitude de retratar poeticamente sua vida. Centrar no trabalho, sobretudo no trabalho artístico, pode ser interpretado, à luz de Hadot, como a postura goetheana de esperança frente às potências insondáveis do universo.

2.1.4 Autobiografia como “sim à vida”

Segundo Pierre Hadot (2019), Goethe nunca se perdeu em ilusões simplificadoras ou puramente dicotômicas sobre o Homem ou sobre a Natureza, ou seja, sempre esteve consciente

³⁵ Ver em nota sobre estoicismo mostrada anteriormente.

da complexidade das relações do tecido existencial. Todavia, apesar de mesclada por sofrimento e felicidade, para o poeta alemão, a realidade deveria ser considerada boa e bela. De fato, para Goethe, o homem somente alcançaria sua plenitude no consentimento completo à angústia diante do mistério da existência. Este consentimento à totalidade, à uma realidade ancestral, basilar no pensamento goetheano, fora herdado principalmente dos estoicos e de Baruch Espinosa (1632-1677)³⁶.

Embora Goethe deixe claro no décimo sexto livro, quarta parte de *Poesia e Verdade* que nunca pretendia meramente subscrever as ideias de Espinosa, pois considerava que ninguém jamais conseguiria apropriar-se por completo do pensamento de outrem, admitira a enorme influência que recebera do filósofo português/holandês. Sobre o impacto causado pela leitura de um texto sobre Espinosa, disse:

O artigo sobre Spinoza logo despertou em mim certo mal-estar e alguma desconfiança. Já de início o homem é declarado ateu e suas ideias são condenadas sumariamente; em seguida, porém, reconhece-se que ele era um pensador equilibrado e muito dedicado aos seus estudos, que era um bom cidadão, além de um indivíduo de bom trato e tranquilo. Ora, parecia até que havia se esquecido completamente da palavra do Evangelho: 'Pelos seus frutos os conhecereis'. Afinal, como poderia uma vida como essa, tão agradável a Deus e aos homens, surgir de princípios tão condenáveis? Nessa época, ainda guardava bem a lembrança da sensação de serenidade e lucidez que recaíra sobre mim ao folhear as obras póstumas daquele homem notável pela primeira vez. E embora não pudesse mais puxar à memória os detalhes do que havia lido então, o efeito que aquela obra causara em mim ainda era perfeitamente reconhecível. Pois resolvi não perder mais tempo e comecei a reler aquelas obras de que eu havia me tornado tão devedor. Os mesmos ares de paz começaram então a soprar mais uma vez sobre mim. Entreguei-me completamente à leitura e, ao voltar a atenção para mim mesmo, tive a sensação de que nunca vira o mundo de modo assim tão claro antes. (GOETHE, 2017, p. 806)

Os exercícios espirituais até aqui mostrados, a concentração no presente, o olhar do alto e a atitude de esperança, possuem um objetivo fundamental: o sim à vida, à alegria de existir. Segundo Hadot (2019, p. 170), os exercícios espirituais compõem o lema *Memento Vivere* (Pense em viver, não se esqueça de viver), com qual Goethe inspirado em Espinosa, se opunha ao *Memento Mori* (Pense em morrer, Não se esqueça de morrer), de platônicos e cristãos. Como já vimos até aqui, é na poesia que Goethe dava forma às suas vivências, assim, aceitando o *devir*:

³⁶ Espinosismo é o nome genérico dado ao destino póstumo da filosofia de Espinosa, fundada num racionalismo integral que recusa toda distinção "moral", toda subjetividade, toda finalidade da natureza e que concebe o homem como um simples "modo finito da substância infinita" e não mais como o centro e o fim do universo. O espinosismo, rejeitado no séc.XVIII como um "sistema ateu" e reabilitado no séc.XIX como uma filosofia panteísta da natureza. opõe-se vigorosamente ao irracionalismo, pois entende que tudo o que existe deve ter uma explicação racional. Marx, Nietzsche e Freud, na medida com que elaboram uma visão naturalista do homem e do mundo, adotam uma postura espinosista. (JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, 2001). Não paginado.

É na arte, e pela arte que se pode ter acesso ao consentimento à existência, que se pode dizer sim à vida. Isso porque, para Goethe e Nietzsche é um meio privilegiado de acesso à realidade, um modo de conhecimento que pode levar quem o exerce a experimentar o que Nietzsche denomina ‘sentimento dionísico’³⁷. (HADOT, 2019, p. 166)

Em *De minha Vida: Poesia e Verdade*, talvez a mais intimista de suas obras, Goethe aplica o que considerava o objetivo da obra de arte, qual seja, de poetizar, de elevar a realidade, como menciona Maas (1999), uma estetização da existência. Sendo assim, na arte estaria, para Goethe, a celebração da vida, o *Memento Vivere*, síntese dos Exercícios Espirituais. Veremos então a seguir, como podemos pensar na autobiografia do autor em relação a sua máxima estoico-espinosista de consentimento à vida.

Lembremos, previamente, de algumas situações concernentes aos momentos de escrita de *Poesia e Verdade*. O primeiro esboço, data de 1809, quando Goethe estava então com 60 anos de idade, a conclusão por sua vez (a quarta parte, com os últimos cinco dos vinte livros que compõem todo o trabalho), somente se daria poucos meses antes de sua morte³⁸, em setembro de 1831. O maduro/idoso Goethe, como já mencionado no primeiro capítulo deste estudo, via-se em progressivo desconforto com as mudanças político-sociais desencadeadas pela Revolução Francesa³⁹, além do sofrimento trazido pelas mortes de parentes e amigos, as quais começariam ainda na primeira década do século XIX e o acompanhariam até o final de sua longa vida. Como Goethe então comportou-se perante uma realidade que, a seu juízo, parecia esfacelar-se? Acreditamos que o redigir de sua autobiografia seja parte constitutiva desta resposta. Façamos então a analogia entre o “projeto autobiográfico” e os exercícios espirituais.

O projeto autobiográfico de Goethe compreende a visão de um homem maduro (dos 60 aos 81 anos) sobre seus anos de infância, juventude e primeiros anos da vida adulta: do nascimento até o final de seu vigésimo quinto ano. Vimos, na análise do prefácio, que o autor visava com a obra ainda sentir-se útil, ainda poder contribuir para a *Bildung* das pessoas que acompanhavam seu trabalho, mesmo mencionando a dificuldade que teria em lograr sucesso em tal empreendimento. É razoável deduzirmos que somente uma grande dedicação por parte do

³⁷ Para Nietzsche, Dionísio é "a afirmação religiosa da vida total, não renegada nem estilizada". Em outros termos, é o símbolo da aceitação integral e entusiasta da vida em todos os seus aspectos e da vontade de afirmá-la e repeti-la. ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução coordenada e revista por Alfredo Bosi. Revisão da tradução e tradução dos novos textos: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 277.

³⁸ O falecimento de Johann Wolfgang von Goethe ocorreu no dia 22 de março de 1832, na cidade de Weimar, por volta do meio-dia.

³⁹ Segundo Carpeaux (2014, p. 77): “A hostilidade de Goethe contra esse movimento político explica-se por uma série de motivos: sua própria índole apolítica; seu estetismo; sua posição no mundo das forças conservadoras; mas, antes de tudo, o medo de uma recidiva das indomadas tendências sentimentais e anárquicas.”

atarefado Goethe poderia ajudá-lo em uma atividade de fôlego como a construção de uma autobiografia, somente uma obstinada concentração ao momento presente e o desempenhar incessante das obrigações cotidianas.

Além disso, lembremos que a redação de uma autobiografia implica na ressignificação da própria condição perante à vida, uma vez que, dialeticamente, põe as concepções do momento presente a remanejar o passado e, deste amálgama reflexivo, projeta um novo ser no futuro: temos então um “olhar do alto”, uma contemplação auto existencial.

Temos até aqui identificados os dois primeiros exercícios espirituais pensados em uma analogia com o projeto autobiográfico de Goethe: a concentração no presente - na atividade cotidiana, no dever - e a reflexão retrospectiva/prospectiva da vida - o olhar do alto. Para o próximo e último exercício espiritual, iremos para o ano de 1830, quando Goethe, levado pelas circunstâncias, finalmente direcionaria suas energias para o fechamento do ciclo iniciado em 1809.

Em correspondência do dia 21 de novembro de 1830 ao amigo Karl Friedrich Zelter (1758-1832)⁴⁰, Goethe fala sobre o terrível sofrimento causado pela morte do filho August von Goethe, em 26 de outubro, na cidade de Roma:

Aqui é tão somente o grande conceito do dever que pode nos manter em pé. Não tenho outra preocupação a não ser conservar-me fisicamente em equilíbrio; todo o restante virá na sequência. O corpo precisa, o espírito quer e quem vê o rumo mais necessário prescrito ao seu querer, este não precisa ficar refletindo muito. (GOETHE apud MAZZARI, 2019, p. 233)

Temos nas palavras de um pai consternado a menção resoluta ao “dever” de viver, mesmo perante à dolorosa provação. A concretização destas palavras, desta poderosa atitude perante à vida por parte do já ancião Goethe se materializariam em dois êxitos, o primeiro, em agosto de 1831, com o término da escrita de *Fausto II*, sua grande epopeia e, cerca de apenas um mês depois, em setembro, a conclusão da quarta parte de *Poesia e Verdade*: assim coroava-se, no epílogo, a consagração à vida, o *Memento Vivere*.

Neste capítulo, buscamos aproximar alguns aspectos do conceito de *Bildung*, sobretudo no que tange ao aperfeiçoamento individual, ao cultivo de si, com a filosofia dos exercícios espirituais, mostrando como muito da contribuição de Goethe ao conceito pode ser relacionado com uma forma mais ampla pela qual entendia a experiência vivida. Em nossa análise, *Poesia e*

⁴⁰ Conforme nota do tradutor: “Diretor da Academia de Canto de Berlim e professor da Academia de Belas-Artes de Berlim. Foi um dos amigos mais íntimos de Goethe.” (ECKERMANN, 2016, p. 85).

Verdade, enquanto prática autobiográfica moderna, foi escrita no encontro da ideia de *Bildung* com a tradição antiga dos exercícios espirituais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sujeito histórico Goethe viveu e concebeu sua autobiografia em uma época de profundas mudanças no modo de vida ocidental, denominada de *Sattelzeit* por Koselleck. Neste mesmo período, o conceito de *Bildung* assumia sua configuração definitiva, a de uma pedagogia voltada a atingir um ideal de formação universal da humanidade, típica visão iluminista da *Aufklärung* alemã. Goethe, ao lado de outros intelectuais como Herder, Schiller e Humboldt, foi um dos principais artífices deste novo direcionamento. O modelo estrutural-temático baseado no conceito de *Bildung* utilizado por Goethe em *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* e em *De minha vida: Poesia e Verdade*, contribuiu para estabelecer um padrão para as práticas biográficas, o qual perdura até o presente: narrativa em forma de romance mostrando o desenvolvimento da personalidade do indivíduo frente às situações da vida. Entretanto, diferentemente do romance, a autobiografia moderna é uma escrita que se pretende verdadeira, recorrendo ao recurso do pacto autobiográfico entre autor e leitor para selar um compromisso de sinceridade, conforme verificamos na análise do prefácio de *Poesia e Verdade*.

A *Bildung* em Goethe enfatizou a reflexão, a interioridade (uma forma de conexão com a origem místico-medieval do conceito), o autoaperfeiçoamento calcado sobretudo no cultivo da sensibilidade artística, na poesia em harmonia com a natureza e, não menos importante, na atividade prática cotidiana: há em Goethe o entendimento que o homem não é perfeito, porém perfectível. Os exercícios espirituais praticados pelo autor visavam a esta autoformação, pois possibilitariam constante capacidade de resignificação da existência. Além de identificarmos na narrativa de *Poesia e Verdade* a aplicação de cada um dos três exercícios espirituais, entendemos que o projeto autobiográfico moderno de Goethe, com sua descrição poética da realidade, constituiu-se, até o final de sua vida, como a prática espiritual definitiva, sintetizando a máxima *Memento Vivere*: viva o momento, não se esqueça de viver.

Também distinguimos nas palavras de Goethe ao longo deste estudo sua concepção historicista da realidade, provavelmente vinculada à percepção (e à vivência!) das mudanças sociopolíticas em curso, já que o autor, como dissemos, mantinha contato frequente com figuras eminentes do cenário cultural e político alemão. Em nossa apreensão de *Poesia e Verdade* enquanto uma “parcela de Goethe e seu mundo”, acessamos via narrativa, inerentemente, tanto a singularidade da vida do autor, quanto os ecos do tempo histórico em que o autor viveu (NEVES;

AMORIM; FRISON, 2020, p. 12), endossando assim as palavras de Jean Starobinski sobre a necessidade de relacionar estrutura interna e contexto na interpretação de uma obra.

Por fim, gostaríamos de dizer que os preceitos da *Bildung* goetheana, quais sejam, sua prática filosófica de constante reflexão existencial, seu apreço pela arte, pela natureza e pelo saber, seu inabalável apego à vida, podem ainda dialogar com o tempo presente, desde que devidamente contextualizados à pluralidade das demandas contemporâneas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

ECKERMANN, J. P. **Conversações com Goethe nos últimos anos de sua vida: 1823-1832.**

Trad. Mario Luiz Frungillo. São Paulo: Editora UNESP, 2016.

GOETHE, J. W. **De minha vida. Poesia e verdade.** Org. Mário Frungillo. Trad. Maurício

Mendonça Cardozo. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALVES, A. A Tradição Alemã do Cultivo de si (Bildung) e sua Significação Histórica. **Educação & Realidade.** Porto Alegre, v. 44, n. 2, e83003, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623683003>. Acesso em: 06 nov. 2021.

AUERBACH, E.: O músico Miller. *In: Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental.* São Paulo, 1971.

BERMAN, A. **The Experience of the Foreign: Culture and Translation in Romantic Germany.** New York: State University of New York Press, 1992.

BRUFORD, W. H. **The German Tradition of Self-Cultivation: 'Bildung' from Humboldt to Thomas Mann.** Cambridge: Cambridge University Press, 1975.

CARPEAUX, O. M. **A História concisa da Literatura alemã.** Girassol Brasil, 1 de out. de 2014.

CARVALHO, A. A. de. O Clássico em Goethe e Schiller. **Rapsódia**, [S. l.], n. 11, p. 155 - 171, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rapsodia/article/view/143776>. Acesso em: 06 nov. 2021.

DALBOSCO, C. A. Metamorfoses do conceito de formação: da teleologia fixa ao campo de força. *In: DALBOSCO; MÜHL; FLICKINGER. Formação Humana (Bildung): despedida ou renascimento?* São Paulo: Editora Cortez, 2019. p. 35-64.

DELORY-MOMBERGER, C. Narrativa de vida: origens religiosas, históricas e antropológicas. **Revista Educação em Questão.** Natal, v. 40, n. 26, 15 jun. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4039>. Acesso em: 06 nov. 2021.

GADAMER, H. G. **Verdade e Método. Traços de uma hermenêutica filosófica.** Trad. de Flávio Paulo Meurer. Rev. da tradução de Ênio Paulo Giachini. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

GALLE, H. De minha vida: Poesia e verdade - sobre a literariedade da autobiografia de Goethe. **Estudos Avançados [online]**, v. 33, n. 96 , pp. 253-276, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2019.3396.0014>. Acesso em: 06 nov. 2021.

GOERGEN. P. Bildung ontem e hoje: restrições e perspectivas. *In*: DALBOSCO; MÜHL; FLICKINGER. **Formação Humana (Bildung): despedida ou renascimento?** São Paulo: Editora Cortez, 2019. p. 15-34.

GOETHE, J. W. **Fausto: uma tragédia (primeira parte).** São Paulo: Editora 34, 2016.

GOMBRICH, E. A natureza e a arte como necessidades da mente: os ideais filantrópicos de Lorde Leverhulme. *In*: **Gombrich essencial: textos selecionados sobre arte e cultura.** Porto Alegre: Bookman, 2012, pp. 565-584.

HADOT, P. **Ejercicios espirituales y la Filosofía Antigua.** Madrid: Siruela, 2003.

_____. **Não se esqueça de viver: Goethe e a tradição dos exercícios espirituais.** Tradução de Lara Christina de Malimpensa. São Paulo: É Realizações, 2019.

HERMANN, N. Dossiê Formação em Movimento. **Educação**, v. 43, n. 2, p. e39104, 1 dez. 2020. Disponível: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/39104>. Acesso em: 06 nov. 2021.

KESTLER, I. M. F.: Johann Wolfgang von Goethe: arte e natureza, poesia e ciência. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 13 (suplemento), p. 39-54, out. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/XdB7YFXHpTHYRXpmTLFNzFp/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 06 nov. 2021.

KOSELLECK, R. **Estratos do Tempo. Estudos sobre história.** Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2014.

_____. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

_____. **O conceito de História.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet.** Org. Jovita Maria Gerheim Noronha. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha; Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LÖWY, M. & SAYRE, R. **Revolta e melancolia: o romantismo na contramão da modernidade.** Petrópolis, Vozes. 1995.

MAAS, W. P. M. D. Poesia e verdade, de Goethe - a estetização da existência. **Revista Cerrados**. Brasília, v. 8 n. 9, pp. 165-177, 1999. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/1009>. Acesso em: 06 nov. 2021.

MASON, S. F. **História da Ciência: As Principais Correntes do Pensamento Científico**. 2ª Edição, Editora Globo, Porto Alegre/RS. 1962.

MAZZARI, M. V. “O humano que jamais nos abandona”: A obra epistolar de Goethe. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 33, n. 96, p. 225-252, 2019. DOI: 10.1590/s0103-4014.2019.3396.0013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/161292>. Acesso em: 06 nov. 2021.

MONTEZ, L. B. Literatura e Vida: Relembrando Um Goethe um tanto esquecido. **Revista Terceira Margem**. Rio de Janeiro, v. 10, n. 15, p. 170-185, 2006. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/15079/9967>. Acesso em: 06 nov.. 2021.

MÜHL, E. H.; MARANGON, M. L. Bildung em Goethe: a atualidade de um legado para a formação humana. *In*: DALBOSCO; MÜHL; FLICKINGER. **Formação Humana (Bildung): despedida ou renascimento?** São Paulo: Editora Cortez, 2019. p. 65-92.

NEVES, J. G.; AMORIM, F. V.; FRISON, L. M. B. O conceito de formação na pesquisa (auto)biográfica: a complexidade como paradigma emergente e o método (auto)biográfico como síntese. **Revista Eletrônica de Educação**, v.14, pp. 1-17, jan./dez. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14244/198271993129>. Acesso em: 06 nov. 2021.

NICOLAU, M. F. A. Formação, educação e cultura: Reflexões sobre o ideal de formação cultural (Bildung) na elaboração do sistema educacional alemão. **CONJECTURA: filosofia e educação**, v. 21, n. 2. Pp. 385-405, maio/ago 2016. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/4158>. Acesso em: 06 nov. 2021.

PACE, A. A. B. C. **Lendo e escrevendo sobre o pacto autobiográfico de Philippe Lejeune**. 2012. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Francesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SAFRANSKI, R. **Goethe: la vida como obra de arte**. Traducción del alemán de Raul Gabás. Barcelona: Tusquest Editores, 2015.

SAUL, N. Humanismo estético (1790-1830). *In*: WATANABE-O’KELLY, Helen. **História da literatura alemã**. Lisboa, São Paulo: Verbo, 2003.

SILVA, K. V. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2006.

SOUZA, J. J. F. De. De Goethe a Habermas: auto formação e esfera pública. Lua Nova: **Revista de Cultura e Política**. São Paulo, n. 43, p. 25-57, 1998. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64451998000100003&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 06 nov. 2021.

STAROBINSKI, J. A literatura: o texto e seu intérprete. *In*: LE GOFF, J., NORA, P.(org.). **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.